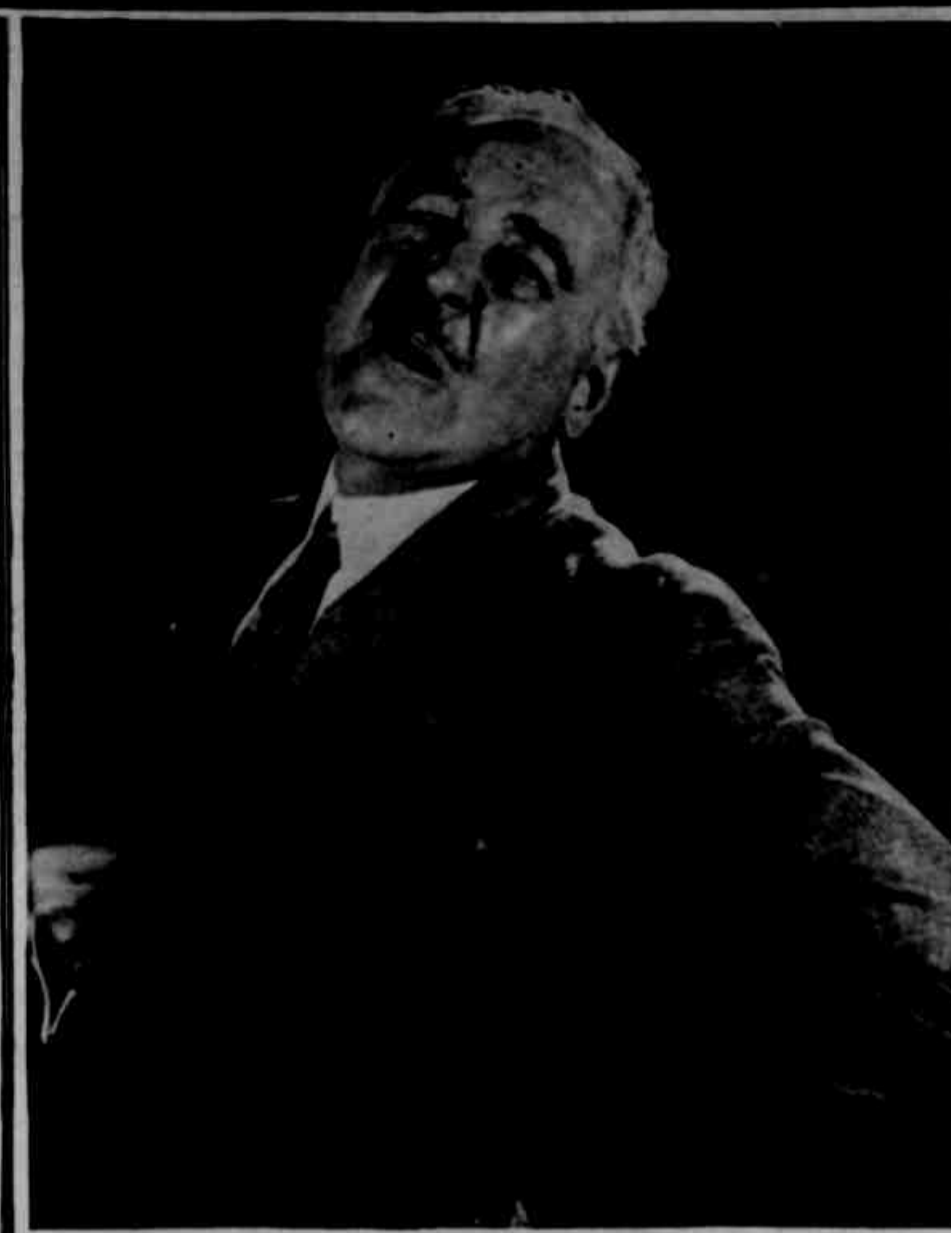
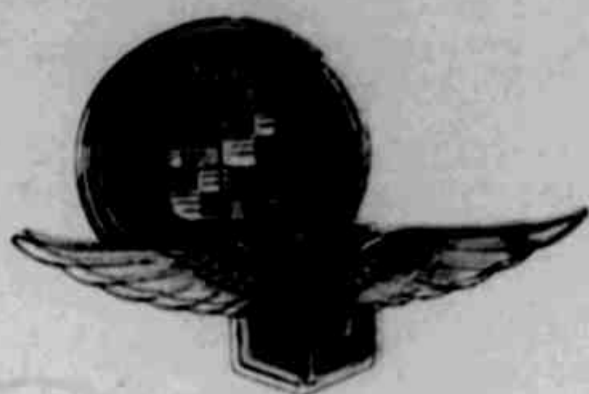
PARA TODOS.

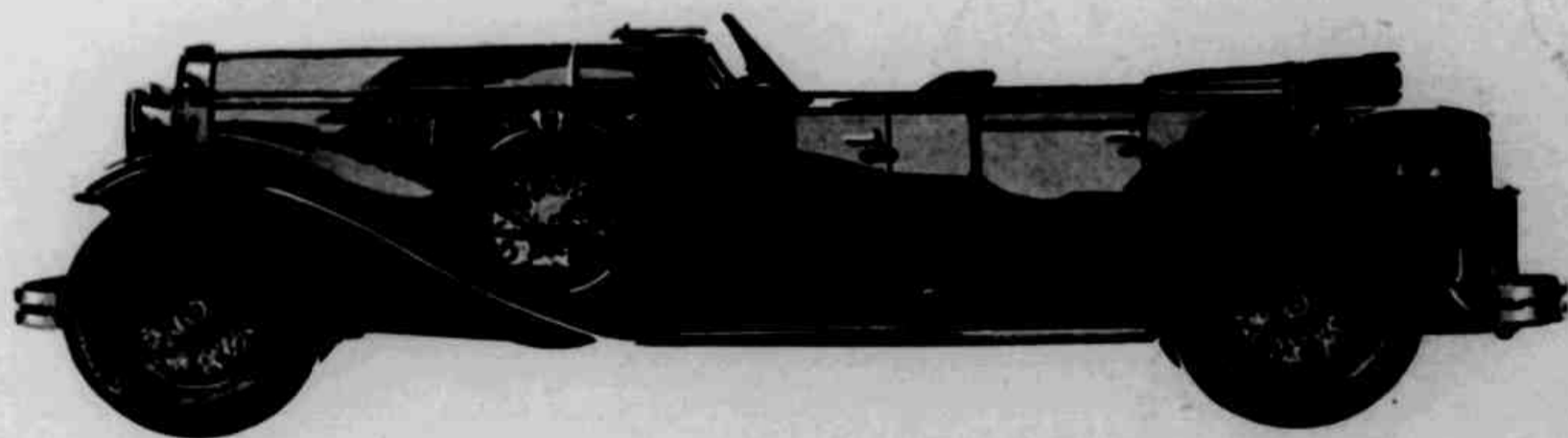
E era tão intensa, que o mantinha prostrado numa cadeira por dias inteiros.

De um tempo para cá, porém, tem sabido evitar todos esses soffrimentos com a incomparavel

Não é só allivio completo que elle obteve, pois, como este remedio contribue tambem para a eliminação do acido urico, o seu mal foi pouco a pouco desapparecendo.

Excellente, tambem, contra as dôres de cabeça, dentes e ouvido; nevralgias, enxaquecas e rheumatismo; cólicas menstruaes; consequencias de noites em claro, excessos alcoolicos, etc.

O *analgesico por excellencia para as pessôas debeis, porque*

NÃO ATACA O CORAÇÃO NEM OS RINS.

CADILLAC - LA SALLE

TAMBEM á mulher o automovel proporciona a liberdade de agir e de se locomover com a mesma facilidade que era antes privilegio do homem. O novo carro Cadillac, com a transmissão de engrazamento synchronizado, pode ser dirigido pela mais franzina dama, nas excursões, nos passeios pela cidade, sem lhe causar fadiga.

GENERAL MOTORS OF BRAZIL, S. A.

CHEVROLET - PONTIAC - OLDSMOBILE - OAKLAND - BUICK - VAUXHALL - LASALLE - CADILLAC - CAMINHÕES GMC

Lembranças
do Carnaval

Instantaneos do corso
e dos bailes infantis

Para todos...

Revista semanal, propriedade da S. Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director-gerente Antonio A. de Souza Silva.

Assignaturas: Brasil—1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000. Estrangeiro—1 anno, 85$000; 6 mezes, 45$000. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado) deve ser dirigida á Sociedade Anonyma "O Malho", 164, rua do Ouvidor, Rio de Janeiro. Endereço telegraphico "O Malho — Rio" Telephones — Gerencia: Norte 5402. Escriptorio: Norte 5818. Annuncios: Norte 6131. Officinas: Villa 6247. Succursal em São Paulo dirigida pelo senhor Plinio Cavalcanti, rua Senador Feijó n. 27 — 8º andar — Salas 86 e 87.

COMO CONSERVAR O CABELLO EM BOM ESTADO

Não importa que o seu cabello seja ruivo, negro, castanho ou de côr vermelha. Se queres conserval-o abundante brilhante e em boas condições geraes, deveis cuidal-o continuadamente. Muitas senhoritas descuidam por completo o seu cabello, crendo que mesmo assim elle sempre parecerá bem. Isto é absurdo. Vou dizer-lhes como eu trato o meu cabello: Antes de tudo, não deixo de escoval-o nem uma noite, por mais cansada que me sinta. Depois, cada duas semanas, lavo-o bem, usando para esse fim uma colherada de stallax granulado dissolvido em agua quente, enxugando-o bem, depois, e seccando-o com toalhas quentes. O resultado é simplesmente maravilhoso.

● ● ●

ESTADO DE SANTA CATHARINA — Uma rua em São Bento

MALTA — A ALFANDEGA

O Livro da vida das Milongas

Era assim a vida. Enganos, desillusões, felicidade incerta.

E nem podia ser de outra maneira.

O rodar constante dos automoveis aos milhares. A turba immensa que se impulsiona mecanicamente. A lucta titanica pelo ouro!

Rostos desfigurados pela emoção das bolsas, se afogavam no cinzento da neblina ennervante.

Caras lividas e loucas, transmittiam seus desejos suicidas.

Faces bonitas e que os "rouges" aprimoraram, eram o mais rasgado elogio aos prazeres do universo.

E a diversidade das outras physionomias, lembra tudo que se póde conceber.

Milonga, detraz da veneziana verde, estava absorta...

Ella não tinha até então nenhuma pratica do mundo. Seus dezoito annos completos, valiam unicamente por um começo de experiencia.

Porém já era dona de uma tragedia. A amargura lhe invadira toda sua alma.

E para alguns, o passado era indelevel, — como se fôra um sinete que imprimisse no lacre em fogo do seu coração...

Primeiro, quando se lhe deparavam nos jornaes os casos de amor varios e minuciosos, ella sabia ter um sorriso fugitivo, se esquecendo de que todos mais tarde ou mais cedo teriam fim semelhante...

Não chegava mesmo a comprehender o que os chronistas se permittem reservar.

Talvez que por isso a juventude ardente possúa paginas culposas no livro da vida das milongas.

Mas é inutil querer freiar os habitos do mundo. Torna-se imprescindivel o soffrimento de muitos. A felicidade de outros. Sem o que, a gente veria em todos os semblantes o mesmo colorido.

E é assim que se aprende a ter coração...

Ella só adivinhou que tinha coração, depois que elle se aborreceu da sua companhia. E sem mais ninguem qu[e] a reclamasse com amor, ella principio[u] pelo fim das milongas que se defi[nh]am...

Já havia mesmo experimentado a c[o]caina. Alguem lhe disse que uma p[e]quena quantidade fazia esquecer os males da vida.

No inicio pretendeu reagir. Mas os olhos de vampiro desse alguem que co[]nhecia a fundo o segredo do toxic[o] desmaiado, venceram por fim a peleja da sua alma combalida!

Que instantes ineffaveis ella sentiu quando aspirou com suavidade os crystaes meudinhos!

Depois quiz mais. Pediu. Implorou. Offereceu tudo...

Os olhos de vampiro ziguezaguear[am] funestamente, conscios da sua victo[ria] segura!

Elle cedeu o que lhe custava qu[asi] nada.

Ella prometteu aquillo que nã[o] podia.

Quantas vezes milonga, detraz da veneziana verde, se quedava absorta...

O mundo era para ella destituido [de] interesse.

E valia meditar no seu destino?

Se ella tinha o veneno que lhe proporcionava o sonho...

Para milonga, ainda raiavam alguns annos de felicidade...

LUIS LÉLIO

Miniatura da capa d'O MALHO de hoje.

Clinica Medica de "Para todos..."

A THYROIDOTHERAPIA NAS ENFERMIDADES DA INFANCIA

A opotherapia thyroidiana tem sido experimentada com vantajosos resultados no tratamento de varias enfermidades da infancia, ligadas ao funccionamento deficiente do corpo thyroide (hypothyroidia) ou a irregularidades occorridas no funccionamento sufficiente da mesma glandula (dysthyroidia).

Prescreve-se a opotherapia thyroidiana em substituição a outros medicamentos, no myxedema; como elemento estimulante e excitador, na hypothyroidia; isolada ou em uso conjuncto com os productos de outras glandulas, nas insufficiencias pluriglandulares; e ainda como regulador da funcção thyroidiana em todos os casos de evidente dysthyroidia.

A opotherapia thyroidiana conseguiu tambem esplendidas victorias, combatendo os eczemas seborrhéicos de fórma chronica, localisados na região do couro cabelludo, e os eczemas que apparecem em creanças obesas, dependentes de um estado arthritico hereditario.

Em regra, nos dominios da clinica infantil, a medicação thyroidiana é ministrada por via gastrica, não logrando preferencia o processo de injecções hypodermicas ou intra-musculares. Applica-se, por ingestão, o extracto secco e total da thyroide, o qual, si fôr convenientemente preparado, contem os principios activos da glandula, sob uma dosagem verdadeiramente rigorosa.

Nas primitivas applicações da thyroidotherapia, os clinicos observaram curiosos phenomenos de intolerancia, em face da mencionada substancia, medicamentosa. Perturbações cardiacas, vasculares, nervosas e digestivas — tachycardias, dyspnéas, insomnias pertinazes, delirios; excitabilidade nervosa, vomitos, inappetencia, diarrhéas, etc. — apavorando os medicos, os doentinhos e seus parentes, determinavam o abandono de tal methodo therapeutico.

O inconveniente, porém, não era da "qualidade" e sim da "quantidade" da substancia medicamentosa. E os clinicos, assim reflectindo, resolveram reduzir ao extremo a dosagem, de sorte que inicialmente a applicação da thyroide não excedesse á proporção de um milligramma.

As creanças abaixo de um anno de idade começarão o tratamento por 1|4 de milligramma. Relativamente ás creanças de um a dois annos, não ha nenhum perigo em applicar, no inicio, a dóse de um milligramma.

Devemos ter sempre em vista, quando a enfermidade exigir o augmento progressivo das dóses, a susceptibilidade de cada doentinho, ante a acção da opotherapia, neste assumpto, regras pre-estabelecidas. Cada organismo reage de um modo particularissimo e o criterio clinico será observar cuidadosamente o que se passa, visando surprehender as manifestações de intolerancia e combatel-as desde logo com o decrescimo das dóses.

Quasi sempre é desnecessario recorrer á elevação da cifra medicamentosa. Por assim dizer, apenas o tratamento peculiar ao myscedema exige fortes dóses do extracto thyroidiano, administradas algumas vezes, durante o resto da existencia do enfermo.

Noutros estados morbidos, taes como as hypothyroidias da infancia, as dóses minimas pódem produzir notaveis melhoras dentro de um pequeno espaço de tempo. E a cura, muitas vezes, plenamente se realiza, quando, por louvavel medida de prudencia o clinico já prescreveu a interrupção do tratamento, para aguardar confiante a acção medicamentosa.

CONSULTORIO

T. LOPES — Use, de dois em dois dias, uma injecção intra-muscular de "Naiodine" (5 centimetros cubicos), alternando-a — ora uma, ora outra — com uma injecção intra-muscular de "Arrhymadrargor". Internamente use, pela manhã e á noite, o "Theinol". Externamente use, em fricções nos pontos doloridos, o "Balsamo de Bengué".

MARGOT (São Paulo) — Use, pela manhã e á noite, 2 comprimidos de "Lactal". Lave todas as manhãs o rosto com agua morna, contendo um pouco de vinagre aromatico e, depois de enxugal-o, applique, em loção: borax 5 grammas, ether sulfurico 20 grammas, hydrolato de rosas 50 grammas, agua destillada 250 grammas. Deixe a loção desapparecer por si mesma e depois applique o talco boratado.

A. L. I. C. E. (Jaguarão) — Dê á creança: terpina 30 centigrammas, tintura de lobelia inflata 1 gramma, benzoato de sodio 4 grammas, hytrolato de flores de laranjeira 10 grammas, xarope de alcatrão 150 grammas, xarope de tolú 150 grammas — uma colher (das de sobremesa) de 3 em 3 horas.

R. I. M. (Araguary) — Use, pela manhã e á noite, um comprimido de ovarina. Depois de cada refeição principal tome 2 granulos de "Yohimbine Houde". Faça, por semana, 3 injecções intra-musculares com o "Strychnarsitol Robin".

MLLE. JU' (São Paulo) — Encontra na edição de "Para todos..." de 26 de Janeiro proximo findo a communicação de que foi enviada carta com destino á Posta Restante. Procure-a e, si não encontral-a, a culpa não é nossa.

NITA (Bananal) — Basta usar: extracto fluido de viscum album 15 grammas, extracto fluido de viburnum prunifolium 25 grammas, extracto fluido de convallaria 20 grammas — quinze gottas, num calice dagua assucarada, pela manhã e á noite. No momento de se recolher ao leito, use: paveron 10 centigrammas, hydrolato de louro cereja 10 grammas, xarope de lactucario 40 grammas, hydrolato de tilia 120 grammas — uma colher (das de sobremesa). Use banhos mornos geraes, pela manhã. Siga o mesmo regimen alimentar.

DR. DURVAL DE BRITO.

SONATA AO LUAR

POR aqui, por aqui o caminho que nos leva ao paiz de uma outra dimensão. Bóta fóra em primeiro logar, meu amigo, a tua ridicula inquietação metaphysica. E despacha para o Outro Mundo a bagagem ideologica. Bilú, nós vamos.

Alguma cousa mais suave do que o amor, mais grave do que a morte, nos chama. Basta caminhar neste caminho azul para aprender a voar. Deixámos á esquerda a planicie onde as aguas murmuram: tedio, largámos á direita o Exmo. Sr. Dr. Eu-Mesmo, e rumo ao luar! Porque o luar ainda existe, puro como o primeiro sonho nos olhos de um menino manhoso que não ganhou chocolate e ficou de castigo no quarto escuro. Sim, senhor, os grandes logares-communs, o luar, o Amor com A grande, o mar, o sonho com seu collo de cysne e o lago... Não digas que o lago é demais. Tudo cabe na gente, todas as cousas profundas carregam a cruz da santa banalidade. Deus te livre do imprevisto. Precisas de um banho azul.

Vae, creança. Tudo é puro como a Santa Face. No treval molhado pelo orvalho frio colhi este trevo das quatro folhas como quatro corações verdes. Elle desprende um perfume astral cahido na pura serenada. Vae. Na grande paz lunar os campos dormem. Mas chega uma inclinação leve para se ouvir o murmurio obscuro das brotações. Dorme. A relva reza. Os malmequeres sem haste palpitam como estrellas dançarinas. Na flechilha nova a lua tece o fio prateado. Clic! é a rã na tóca. Dorme. O murmurio sem nome enche a noite como um somno. Florada! a claridade é uma translucidez tão irreal como os teus olhos. Porque os teus olhos vêem melhor quando fechados. Dorme.

Aquella brancura, lá-longe, entre as folhas? Coyllur. A rosa noiva no jardim nocturno. Mas não pensem que ella se chama Immortal Amada... Qual! E' meu bem, Coyllur. Tão simplesmente mulher, olhos sabios, boca maluca. Tem um ponto de vista bem no queixo. Tão erudita no figurino, cada vestido que adapta parece uma nova lei. Ignóra deliciosamente a ortographia, conhece todas as constellações do cinema pela sua exacta situação astronomica. Tem qualquer cousa de eterno como as flores, o orvalho e os diminutivos carinhosos. Me commovi todo ao pensar no seu geitinho imperecivel de animal mimoso. Chamei:

— Coyllur!

Voltou-se. Já me viu. Corro.

Quando cheguei, contra todas as regras da credibilidade, ella está riscando na areia, com a ponta da sombrinha, o binomio de Newton. Não póde ser, penso, eu estou sonhando. Chego mais perto, e sobre o seu hombro, á luz do luar, distingo a formula rigorosa. Então não me contenho, a eloquencia me estrangula:

— Coyllur, meu mal, você não vê que é loucura a sabedoria das formulas nesta hora, quando todas as flores são frascos de "Folie Bleue"? A esta hora até as secretarias de Estado se diluiram nas musicas supremas. Deixa disso: estamos em pleno andante. Anda...

Coyllur ficou immovel, depois debruçou-se para a terra, traçou mais uma formula: B+C=A. E como eu continuasse parado, impermeavel, explicou:

— Bilú mais Coyllur, igual a Amor.

— Está certo! gritei tão alto que uma cigarra acordou e, enganada pelo sol azul, começou a cantar. Dansei o "charleston" da revelação. Meu Deus! o logar-commum era a santa verdade. Para quê sahir desse paiz nocturno, mais claro do que o dia? O silencio dizia: sim. A cigarra dizia: siiiiiiiiiiim. O mundo concordava.

Enlacei Coyllur pela cintura, com a mão livre enfeitei o seu cabello com o trevo de quatro folhas e na grande paz lunar, falei:

— Coyllur, nós somos felizes, é uma desgraça que acontece. Basta caminhar neste caminho claro para aprender a voar. Nós vamos colher os impossiveis tão simplesmente como se arranca uma flechilha. Quem sabe fechar os olhos, (dorme...) começa a vêr. Porque o luar ainda existe, puro como os teus erros de ortographia... — ? — ... como o teu geitinho admiravel de não comprehender os meus poemas... — Ora, vá passear! Coyllur arrancou da orelha o trevo nupcial, sumiu-se na enorme monotonia plenilunea, diluida na bruma opalina do luar. Si eu não chorei, foi só por boa-educação. Mas, que importa, o luar ficou.

AUGUSTO MEYER

A VINGANÇA DA PA

DE BARROS VIDAL

— Vale ir lá. Ouça-o que colherá a emoção mais forte que já sacudiu a alma de um homem!...

— Desillusão? — indagamos...

— Uma tortura muito maior...

— Onde elle mora?

— Lá no alto da serra. Antigamente a casa delle era conhecida pelas duas palmeiras que a custodiavam, como a protegel-a da furia indomita dos elementos encrespados...

— E hoje?

— De longe vê-se, em meio á encosta verdejante a nota branca da casinha de sapê, sem a sombra das suas altivas sentinellas!...

— E de perto?

O bom informante, a essa pergunta, sacudiu a cabeça. Depois de uma longa pausa, o olhar em alvo, respostou:

— Nem a casa...

E como teimassemos em inssittir:

— Vá lá, é melhor...

Ao apertar-nos a mão:

— Não insista, é favor, porque um homem não deve chorar, duas vezes, pelo mesmo motivo...

* * *

O bonde, a marcha lenta, galgava a encosta da serra e nosso olhar inquieto procurava, em vão, lá mais em cima, a nota branca da casinha de sapê, destino dos nossos passos e razão de ser da viagem que emprehendiamos, cheios de curiosidade. E como o nosso olhar, que devassava o panorama aberto aos nossos olhos na ascenção penosa, não descobrisse a casinha branca, o pensamento girava em torno do desconhecido cujo drama de côres tão sombrias nos interessava.

Para ter soffrido tanto, certo, todas as desgraças que pairam sobre o mundo, haviam descido suas iras contra elle numa brutalidade sem igual, arrancando-lhe da alma todos os lenitivos e dos olhos todas as lagrimas que seus olhos tinham para chorar. Devia ter no rosto uma expressão differente, um pouco mais de desespero e um pouco menos de allucinação, uma mascara ainda não vista pelos nossos olhos que vivem peregrinando, sempre, pelas desgraças dos outros...

— O "seu" Boaventura? — repetiu a nossa pergunta o velhinho que abordamos, agora, que pulando do bonde avançavamos pela ladeira.

— Sim, elle mesmo...

— O senhor sóbe essa rampa e na altura daquella grande pedra dobra a direita. E' lá que elle está morando...

— Obrigado!...

* * *

Boaventura.

O destino é impiedoso nas suas ironias. Tinhamos em nossa frente, conversando comnosco, um desgraçado, o mais desgraçado de todos os homens sem a graça de Deus, assim mesmo como se considera, e elle se chama Boaventura...

— Quem lhe falou em mim?

Ouvindo-nos:

— Ah!... E' generoso e bom...

E cerrando as palpebras:

— Foi elle que fechou os olhinhos de Luiza...

Palestravamos com o infortunado ha bem cinco minutos e estranhavamos o scenario, tão differente do pintado pelo bondoso informante. Estavamos á soleira da porta de uma casa velha e negra, sem vegetação e sem o mais ligeiro vestigio de palmeiras, perto. O olhar vasculhou todos aquelles recantos despidos do esplendor e do poema das arvores, das flores e da casinha branca que esperavamos encontrar. E já iamos formular a pergunta que a nossa curiosidade contrariada exigia quando elle, como se comprehendesse o que se nos passava no intimo, falou:

— Aqui não é a minha casa, não...

E apontando para o matto alto, bem mais em cima:

— A minha casa era ali...

— Era?

— Era, sim...

E a voz entrecortada de soluços, rematou:

— Hoje não é mais porque a palmeira não quiz!...

* * *

Num esforço sobrehumano, ligando idéas sem, comtudo, poder precisar as palavras que ia pronunciando, tão grande a emoção que o empolgava, Boaventura, entre soluços, os sulcos da mais violenta dôr cavados no rôsto, começou a contar a historia da sua casinha branca, das duas palmeiras e da filhinha que lhe levou, para as trevas do Além, a alegria de viver e a satisfação de sorrir...

Lavrador modesto, vivia ali desde que enviuvara, com a filhinha terna, dois annos lindos de meiguice, de vivacidade e carinho. Quando sahia de casa tudo que elle tinha dentro de si, de immaterial — em casa ficava, rondando a razão de ser de sua vida trabalhada por tantos infortunios... Um domingo, o sol ardente do verão forte illuminando a felicidade da sua casinha simples, larga folha da palmeira se desprendeu do alto apanhando, em cheio a pequenina Luiza, jogando-a pela ladeira num turbilhão, aos gritos. Desesperado, Boaventura agarrou-a e, cégo pelo pavor do que lhe acontecera, convencido mesmo de que ella não sobrevivia, levou-a aos soccorros da pharmacia mais proxima. A noite toda foi para Boaventura uma amargurada vigilia e, manhã cêdo, vendo a filha peorar sensivelmente, revoltado contra a ingratidão, da palmeira que sempre tratara bem, num desvario, apanhou do machado e abriu-lhe, na base, em golpes successivos e violentos, uma larga fenda, que foi augmentando, augmentando. E, momentos depois, Boaventura assistiu a quéda da arvore colossal no ruido ensurdecedor que tudo fez tremer em redor.

No primeiro instante os gritos do odio que lhe dominavam o intimo, abafaram os impulsos do tardio arrependimento que o assaltou. Mas, em breve, restabelecida, refeita dos atrozes soffrimentos, Luiza perguntou ao pae porque desapparecera dali a outra palmeira... Boaventura, a voz tremula, deu uma desculpa qualquer. Reparou, entretanto, que a arvore que ficara, na tarde, triste, parecia envolta nas sombras de uma profunda melancholia...

Boaventura deteve a marcha da evocação. As palavras, ungidas de emoção e ternura, sahiam-lhe, agora, a custo, da garganta.

— Que aconteceu depois? — Interviemos para animal-o.

E elle continuou, sabe Deus como. Uma semana depois da derrubada da palmeira, uma tempestade tremenda se desencadeou na serra. Afflicto, Boaventura abraçou-se á filha que temia o ronco do trovão e os riscos vermelhos dos raios na escuridão dos céos. Eram onze horas da noite. A chuva tamborilava no telhado e a Natureza toda parecia tomada de inexplicavel furia. A cabelleira verde da palmeira, fustigada pelos ventos, se sacudia, a inteiro, na sua musica impressionante. E, num instante, uma rajada da ventania escancarando a porta, obrigou Boaventura a deixar a filhinha no canto em que com ella se occultara, e correr para fechal-a. Toda esta scena, parece, foi armada pela Fatalidade, com essa precisão de detalhes que nem as mathematicas têm... Num atimo, num estrondo brutal que deixou Boaventura perplexo nas trevas que o envolviam, a palmeira que enviuvara á colera do pae em revolta, tombou sobre a casinha branca, derrubando-a e sepultando-a sob o peso da sua enormidade!...

Recuperando o contrôle dos sentidos, mas sem dominar os sentimentos em alvoroço, Boaventura correu entre os escombros, na ansia de salvar a filha. Afinal, depois de ingentes esforços encontrou-lhe o corpinho ainda quente, mas sem vida...

A crise de nervos que o atacou, neste ponto, obrigou-o a uma demorada pausa. Boaventura afundou a cabeça nas mãos e o corpo sacudido, de instante a instante, por tremores, deixou-se ficar absorto, entregue á dor da amarga recordação.

— Então?!...

Elle, os olhos congestionados, a imagem da Dôr na physionomia, sentenciou, grave:

— Foi a palmeira, a desgraçada, que se vingou de mim!...

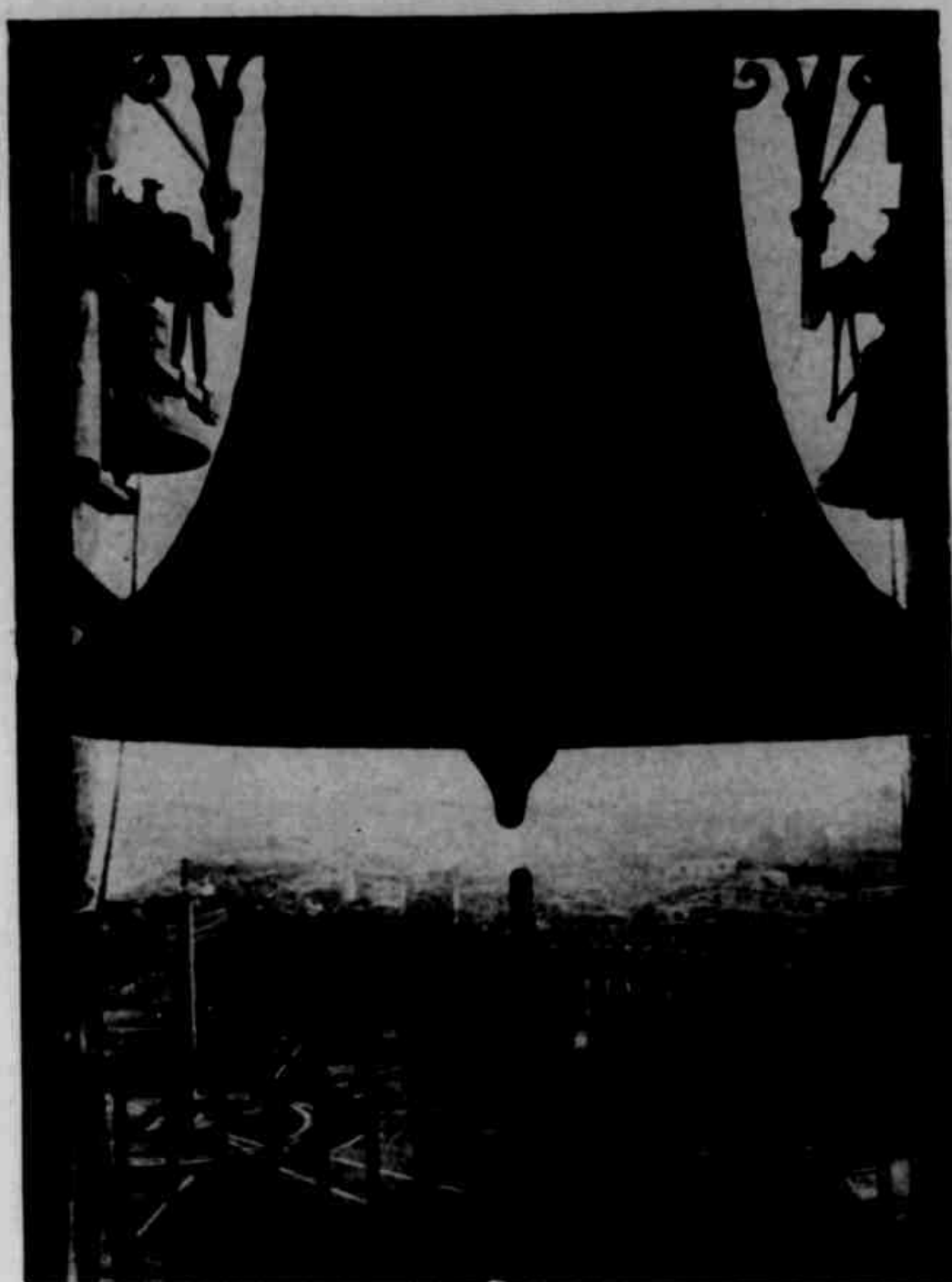
Chorando:

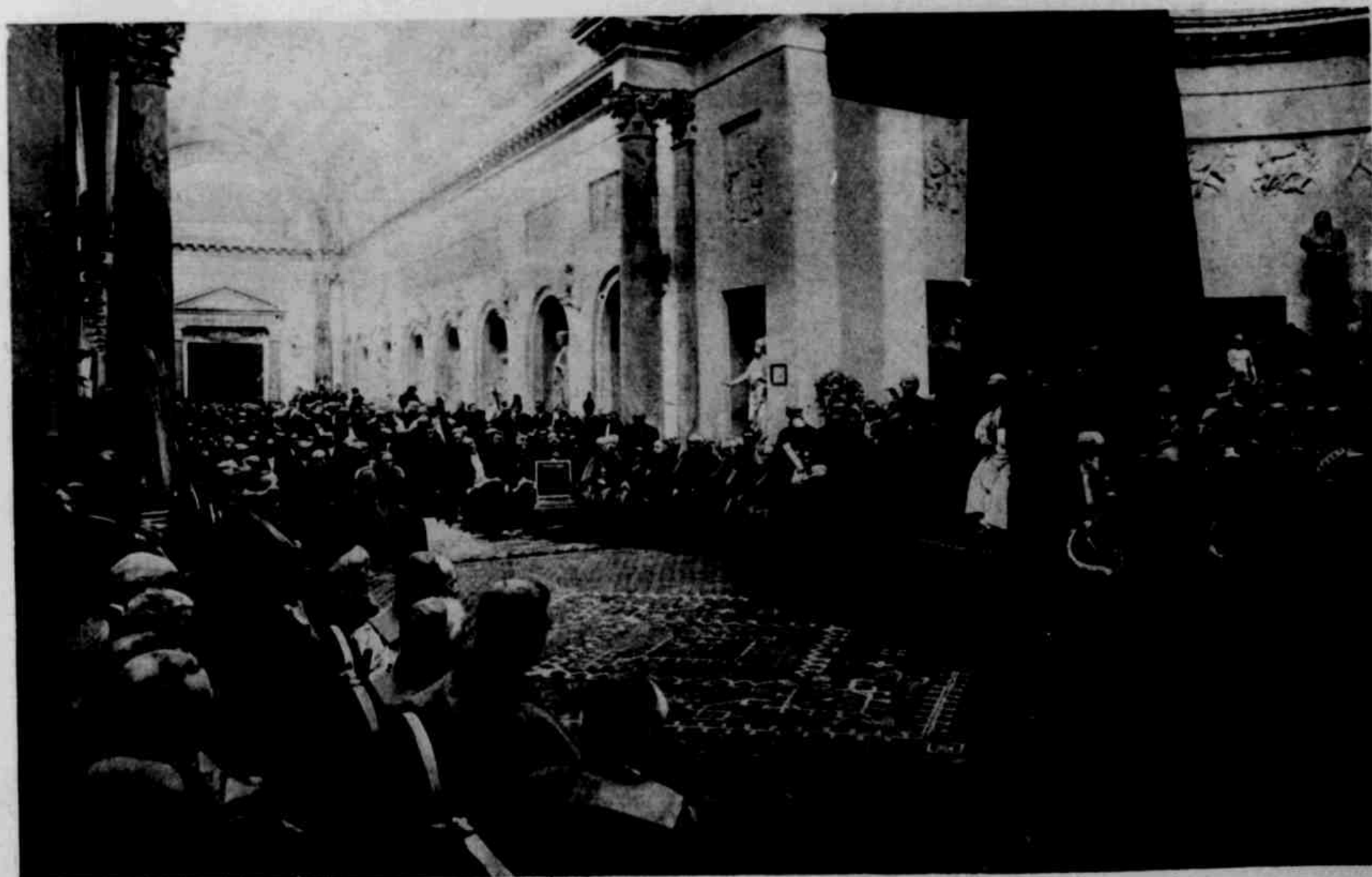
— Derrubei-lhe a companheira...

E numa convulsão:

— E ella matou a minha filha!...

PHOTO LOPES

Em cima: o sino grande da basilica de São Pedro e a praça de São Pedro com o seu obelisco e uma das galerias que emmolduram esse recanto da cidade eterna.

ROMA

Em baixo: Sua Santidade o Papa Pio XI entre membros do Sacro-Collegio, do corpo diplomatico e de dignatarios da Côrte pontifical numa das salas do Vaticano

Aspectos da recepção que o senhor Embaixador da Italia e a senhora Bernardo Attolico offereceram, domingo, em Petropolis, em honra de Monsenhor Aloysio Masella, Nuncio Apostolico.

Estiveram presentes a senhora Washington Luis, D. Pereira Alves, Bispo de Nictheroy, altas personalidades politicas e mundanas, membros do corpo diplomatico e numerosos fascistas.

V a t i c a n o

Q u i r i n a l

Um homem que tem pressa de apanhar um trem para cuja partida faltam apenas tres minutos.

RUA E A CASA DA SOGRA

MEA CULPA

— Vae à igreja, a senhora?
— Pois então!? Não estamos na quaresma?
— Mas a senhora não é da "fuzarca?"

ENCRENCA

— Quem é uma telephonista com quem foste visto num bar?
— E' a tal que te faltou o respeito ao telephone. Procurei-a para reprehendel-a.

Por **Machado de Assis.**

Hamlet observa a Horacio que ha mais cousas no céo e na terra do que sonha a nossa philosophia. Era a mesma explicação que dava a bella Rita ao moço Camillo, numa sexta-feira de Novembro de 1869, quando este ria della, por ter ido na vespera consultar uma cartomante; a differença é que o fazia por outras palavras.

— Ria, ria. Os homens são assim; não acreditam em nada. Pois saiba que fui e que ella adivinhou o motivo da consulta, antes mesmo que eu lhe dissesse o que era. Apenas começou a botar as cartas, disse-me: "A senhora gosta de uma pessoa..." Confessei que sim, e então ella continuou a botar as cartas, combinou-as, e no fim declarou-me que eu tinha medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade...

— Errou! interrompeu Camillo, rindo.

— Não diga isso Camillo. Se você soubesse como eu tenho andado, por sua causa. Você sabe; já lhe disse. Não ria de mim, não ria...

Camillo pegou-lhe nas mãos e olhou para ella sério e fixo. Jurou que lhe queria muito, que os seus sustos pareciam de creança; em todo o caso, quando tivesse algum receio, a melhor cartomante era elle mesmo. Depois, reprehendeu-a; disse-lhe que era imprudente andar por essas casas. Villela podia sabel-o, e depois...

Qual saber! tive muita cautela, ao entrar na casa.

— Onde é a casa?

— Aqui perto, na rua da Guarda-Velha; não passava ninguem nessa occasião. Descança; eu não sou maluca.

Camillo riu outra vez:

— Tu crês devéras nessas cousas? perguntou-lhe.

Foi então que ella, sem saber que traduzia Hamlet em vulgar, disse-lhe que havia muita cousa mysteriosa e verdadeira neste mundo. Se elle não acreditava, paciencia; mas o certo é que a cartomante adivinhára tudo. Que mais? A prova é que ella agora estava tranquilla e satisfeita.

Cuido que elle ia falar, mas reprimiu-se Não queria arrancar-lhe as illusões. Tambem elle, em creança e ainda depois, foi superticioso, teve um arsenal inteiro de crendices, que a mãe lhe incutiu e que aos vinte annos desappareceram. No dia em que deixou cahir toda essa vegetação parasita e ficou só o tronco da religião, elle, como tivesse recebido da mãe ambos os ensinos, envolveu-os na mesma duvida e, logo depois, em uma só negação total. Camillo não acreditava em nada. Por que? Não poderia dizel-o, não possuia um só argumento; limitava-se a negar tudo. E digo mal, porque negar é ainda affirmar, e elle não formulava a incredulidade; diante do mysterio, contentou-se em levantar os hombros, e foi andando.

Separaram-se contentes, elle ainda mais que ella. Rita estava certa de ser amada; Camillo, não só o estava, mas via-à estremecer e arriscar-se por elle, correr ás cartomantes, e, por mais que a reprehendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela rua das Mangueiras, na direcção de Botafogo, onde residia; Camillo desceu pela da Guarda-Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.

Villela, Camillo e Rita, tres nomes, uma aventura e nenhuma explicação das origens. Vamos a ella. Os dois primeiros eram amigos de infancia. Villela seguiu a carreira de magistrado. Camillo entrou no funccionalismo, contra a vontade do pae, que queria vel-o medico; mas o pae morreu e Camillo preferiu não ser nada, até que a mãe lhe arranjou um emprego publico. No principio de 1869, voltou Villela da provincia, onde casara com uma dama formosa e tonta; abandonou a magistratura e veio abrir banca de advogado. Camillo arranjou-lhe casa para os lados de Botafogo e foi a bordo recebel-o.

— E' o senhor? exclamou Rita, estendendo-lhe a mão. Não imagina como meu marido é seu amigo; falava sempre do senhor.

Camillo e Villela olharam-se com ternura. Eram amigos devéras. Depois, Camillo confessou de si para si que a mulher do Villela não desmentia as cartas do marido. Realmente, era gracidsa, viva nos gestos, olhos calidos, bocca fina e interrogativa. Era um pouco mais velha que ambos: contava trinta annos, Villela vinte e nove e Camillo vinte e seis. Entretanto, o porte grave de Villela fazia-o parecer mais velho que a mulher, emquanto Camillo era um ingenuo na vida moral e pratica. Faltava-lhe tanto a acção do tempo, como os oculos de crystal, que a natureza põe no berço de alguns para adeantar os annos. Nem experiencia, nem intuição.

Uniram-se os tres. Convivencia trouxe intimidade. Pouco depois morreu a mãe de Camillo, e nesse desastre, que o foi, os dois mostraram-se grandes amigos delle. Villela cuidou do enterro, dos suffragios e do inventario; Rita tratou especialmente do coração, e ninguem o faria melhor.

Como dahi chegaram ao amor, não o soube elle nunca. A verdade é que gostava de passar as horas ao lado della; era a sua enfermeira moral, quasi uma irmã, mas principalmente era mulher e bonita. **Odor de femina;** eis o que elle aspirava nella e em volta della, para incorporal-o em si proprio. Liam os mesmos livros, iam juntos a theatros e passeios. Camillo ensinou-lhe as damas e o xadrez, e jogavam ás noites; — ella, mal — elle, para lhe ser agradavel, pouco menos mal. Até ahi as cousas. Agora a acção da pessoa, os olhos teimosos de Rita, que procuravam muita vez os delle, que os consultavam antes de o fazer ao marido, as mãos frias, as attitudes insolitas. Um dia, fazendo elle annos, recebeu do Villela uma rica bengala de presente e de Rita apenas um cartão com um vulgar cumprimento a lapis, e foi então que elle poude lêr no proprio coração; não conseguia arrancar os olhos do bilhetinho. Palavras vulgares; mas ha vulgaridades sublimes, ou, pelo menos, deleitosas. A velha caleça de praça, em que pela primeira vez passeaste com a mulher amada, fechadinhos ambos, vale o carro de Apollo. Assim é o homem, assim são as cousas que o cercam.

Camillo quiz sinceramente fugir, mas já não poude. Rita, como uma serpente, foi-se acercando delle, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo e pingou-lhe o veneno na bocca. Elle ficou atordoado e subjugado. Vexames, sustos, remorsos, desejos, tudo sentiu de mistura; mas a batalha foi curta e a victoria delirante. Adeus, escrupulos! Não tardou que o sapato se accommodasse ao pé, e ahi foram ambos, estrada fóra, braços dados, pisando folgadamente por cima de hervas e pedregulhos, sem padecer nada mais que algumas saudades, quando estavam ausentes um do outro. A confiança e estima de Villela continuavam a ser as mesmas.

Um dia, porém, recebeu Camillo uma carta anonyma, que lhe chamava immoral e perfido e dizia que a aventura era sabida de todos. Camillo teve medo, e, para desviar as suspeitas começou a rarear as visitas á casa de Villela. Este notou-lhe as ausencias. Camillo respondeu que o motivo era uma paixão frivola de rapaz. Candura gerou astucias. As ausencias prolongaram-se e as visitas cessaram inteiramente. Póde ser que entrasse tambem nisso um pouco de amor proprio, uma intenção de diminuir os obsequios do marido, para tornar menos dura a aleivosia do acto.

Foi por esse tempo que Rita, desconfiada e medrosa, correu á cartomante para consultal-a sobre a verdadeira causa do procedimento de Camillo. Vimos que a cartomante restituiu-lhe a confiança e que o rapaz reprehendeu-a por ter feito o que fez. Correram ainda algumas semanas. Camillo recebeu mais duas ou tres cartas anonymas, tão apaixonadas, que não podiam ser advertencia da virtude, mas despeito de algum pretendente; tal foi a opinião de Rita, que, por outras palavras mal compostas, formulou este pensamento: — a virtude é preguiçosa e avara, não gasta tempo nem papel; só o interesse é activo e prodigo.

Nem por isso Camillo ficou mais socegado; temia que o anonymo fosse ter com Villela, e a catastrophe viria então sem remedio. Rita concordou que era possivel.

— Bem, disse ella; eu levo os sobrescriptos para comparar a letra com a das cartas que lá appareceram; se, alguma for igual, guardo-a e rasgo-a...

Nenhuma appareceu; mas dahi a algum tempo Villela começou a mostrar-se sombrio, falando pouco, como desconfiado. Rita deu-se pressa em dizel-o ao outro, e sobre isso deliberaram. A opinião della é que Camillo devia tornar á casa delles, tactear o marido, e póde ser até que lhe ouvisse a confidencia de algum negocio particular. Camillo divergia; apparecer depois de tantos mezes era confirmar a suspeita ou denuncia. Mais valia acautelarem-se, sacrificando-se por algumas semanas. Combinaram os meios de se corresponderem, em caso de necessidade, e separaram-se com lagrimas.

No dia seguinte, estando na repartição, recebeu Camillo este bilhete de Villela: "Vem já, já, á nossa casa; preciso falar-te sem demora." Era mais de meio-dia. Camillo sahiu logo; na rua, advertiu que teria sido mais natural chamal-o ao escriptorio; porque em casa? Tudo indicava materia especial, e a letra, fosse realidade ou illusão, afigurou-se-lhe tremula. Elle combinou todas essas cousas com a noticia da vespera.

— Vem já, já, á nossa casa; preciso falar-te sem demora, — repetia elle com os olhos no papel.

Imaginariamente viu a ponta da orelha de um drama. Rita subjugada e lacrimosa, Villela indignado, pegando da penna e escrevendo o bilhete, certo de que elle acudiria, e esperando-o para matal-o. Camillo estremeceu, tinha medo: depois sorriu amarello, e em todo caso repugnava-lhe a idéa de recuar, e foi andando. De caminho, lembrou-se de ir á casa; podia achar algum recado de Rita, que lhe explicasse tudo. Não achou nada, nem ninguem. Voltou á rua, e a idéa de estarem descobertos parecia-lhe cada vez mais vero-

simil; era natural uma denuncia anonyma até da propria pessoa que o ameaçára antes; podia ser que Villela conhecesse agora tudo. A mesma suspensão das suas visitas, sem motivo apparente, apenas com um pretexto futil, viria confirmar o resto.

Camillo ia andando inquieto e nervoso. Não relia o bilhete, mas as palavras estavam decoradas, deante dos olhos, fixas; ou então — o que era ainda peor — eram-lhe murmuradas ao ouvido com a propria voz de Villela. "Vêm já, já, á nossa casa; preciso falar-te sem demora." Ditas assim, pela voz do outro, tinham um tom de mysterio e ameaça. Vêm, já, já, para que? Era perto de uma hora da tarde. A commoção crescia de minuto a minuto. Tanto imaginou o que se iria passar, que chegou a crel-o e vel-o. Positivamente, tinha medo. Entrou a cogitar em ir armado, considerando que, se nada houvesse, nada perdia, e a precaução era util. Logo depois rejeitava a idéa, vexado de si mesmo, e seguia, picando o passo, na direcção do largo da Carioca, para entrar num tilbury. Chegou, entrou e mandou seguir a trote largo.

— Quanto antes, melhor, pensou elle; não posso estar assim...

Mas o mesmo trote do cavallo veio aggravar-lhe a commoção. O tempo voava, e elle não tardaria a entestar com o perigo. Quasi no fim da rua da Quarda Velha o tilbury teve de parar; a rua estava atravancada com uma carroça, que cahira. Camillo, em si mesmo, estimou o obstaculo, e esperou. No fim de cinco minutos, reparou que ao lado, á esquerda, ao pé do tilbury, ficava a casa da cartomante, a quem Rita consultára uma vez, e nunca elle desejou tanto crer na lição das cartas. Olhou, viu as janellas fechadas, quando todas as outras estavam abertas e pejadas de curiosos do incidente da rua. Dir-se ia a morada do indifferente Destino.

Camillo reclinou-se no tilbury, para não ver nada. A agitação delle era grande, extraordinaria, e do fundo das camadas moraes emergiam alguns phantasmas de outro tempo, as velhas creanças, as surperstições antigas. O cocheiro propoz-lhe voltar a primeira travessa, e ir por outro caminho; elle respondeu que não, que esperasse. E inclinava-se para fitar a casa... Depois fez um gesto incredulo: era a idéa de ouvir a cartomante, que lhe passara ao longe, muito longe, com vastas azas cinzentas; desappareceu, reappareu e tornou a esvair-se no cerebro; mas dahi a pouco moveu outra vez as azas, mais perto, fazendo uns giros concentricos... Na rua, gritavam os homens, safando a carroça:

— Anda! agora! empurra! vá! vá!

Dahi a pouco estaria removido o obstaculo. Camillo fechava os olhos, pensava em outras cousas; mas a voz do marido sussurrava-lhe ás orelhas as palavras da carta: "Vem, já, já..." E elle via as contorsões do drama e tremia. A casa olhava para elle. As pernas queriam descer e entrar... Camillo achou-se diante de um longo véo opaco... pensou rapidamente no inexplicavel de tantas cousas. A voz da mãe repetia-lhe uma porção de casos extraordinarios; e a mesma phrase do principe de Dinamarca reboava-lhe dentro: "Ha mais cousas no céo e na terra do que sonha a nossa philosophia..." Que perdia elle, se...?

Deu por si na calçada, ao pé da porta; disse ao cocheiro que esperasse, e rapido, enfiou pelo corredor e subiu a escada. A luz era pouca, os degrãos comidos dos pés, o corrimão pegajoso; mas elle não viu nem sentiu nada. Trepou e bateu. Não apparecendo ninguem, teve idéa de descer; mas era tarde, a curiosidade fustigava-lhe o sangue, as fontes latejavam-lhe; elle tornou a bater uma, duas, tres pancadas. Veiu uma mulher; era a cartomante. Camillo disse que ia consultal-a, ella fel-o entrar. Dali subiram ao sotão, por uma escada ainda peor que a primeira e mais escura. Em cima, havia uma salinha, mal alumiada por uma janella, que dava para o telhado dos fundos. Velhos trastes, paredes sombrias, um ar de pobreza, que antes augmentava do que destruia o prestigio.

A cartomante fel-o sentar diante da mesa, e sentou-se do lado opposto, com as costas para a janella, de maneira que a pouca luz de fóra batia em cheio no rosto de Camillo. Abriu uma gaveta e tirou um baralho de cartas compridas e enxovalhadas. Emquanto as baralhava, rapidamente, olhava para elle, não de rosto, mas por baixo dos olhos. Era uma mulher de quarenta annos, italiana, morena e magra, com grandes olhos sonsos e agudos. Voltou tres cartas sobre a mesa e disse-lhe:

— Vejamos primeiro o que é que o traz aqui. O senhor tem um grande susto...

Camillo, maravilhado, fez um gesto affirmativo.

— E quer saber, continuou ella, se lhe acontecerá alguma cousa ou não...

— A mim e a ella, explicou vivamente elle.

A cartomante não sorriu; disse-lhe só que esperasse. Rapido pegou outra vez das cartas e baralhou-as, com os longos dedos finos, de unhas descuradas; baralhou-as bem, tranpoz os maços, uma, duas, tres vezes; depois começou a estendel-as. Camillo tinha os olhos nella, curioso e ansioso.

— As cartas dizem-me...

Camillo inclinou-se para beber uma a uma as palavras. Então ella declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada aconteceria nem a um nem a outro; elle, o terceiro, ignorava tudo. Não obstante, era indispensavel muita cautela; ferviam invejas e despeitos. Falou-lhe do amor que os ligava, da belleza de Rita... Camillo estava deslumbrado. A cartomante acabou, recolheu as cartas e fechou-as na gaveta.

— A senhora restituiu-me a paz ao espirito, disse elle estendendo a mão por cima da mesa e apertando a da cartomante.

Esta levantou-se, rindo.

— Vá, disse ella; vá **ragazzo innamorato**...

E de pé, com o dedo indicador, tocou-lhe na testa. Camillo estremeceu, como se fosse a mão da propria sibylla, e levantou-se tambem. A cartomante foi á commoda, sobre a qual estava um prato com passas, tirou um cacho destas, começou a despencal-as e comel-as, mostrando duas fileiras de dentes que desmentiam das unhas. Nessa mesma acção commum, a mulher tinha um ar particular. Camillo, ansioso por sahir, não sabia como pagasse; ignorava o preço.

— Passas custam dinheiro, disse elle afinal, tirando a carteira. Quantas quer mandar buscar?

— Pergunte ao seu coração, respondeu ella.

Camillo tirou uma nota de dez mil reis, e deu-l'ha. Os olhos da cartomante fuzilaram. O preço usual era dois mil reis.

— Vejo bem que o senhor gosta muito della... E faz bem; ella gosta muito do senhor. Vá, vá tranquillo. Olhe a escada, é escura; ponha o chapéo...

A cartomante tinha já guardado a nota na algibeira e descia com elle, falando, com um leve sotaque. Camillo despediu-se della em baixo e desceu a escada que levava á rua, emquanto a cartomante, alegre com a paga, tornava ácima, cantarolando uma barcarola. Camillo achou o tilbury esperando; a rua estava livre. Entrou e seguiu a trote largo.

Tudo lhe parecia agora melhor, as outras cousas traziam outro aspecto, o céo estava limpido e as caras joviaes. Chegou a rir dos seus receios, que chamou pueris; recordou os termos da carta de Villela e reconheceu que eram intimos e familiares. Onde é que elle lhe descobrira a ameaça? Advertiu tambem que eram urgentes, e que fizera mal em demorar-se tanto; podia ser algum negocio grave e gravissimo.

— Vamos, vamos depressa, repetia elle ao cocheiro.

E comsigo, para explicar a demora ao amigo, engenhou qualquer cousa; parece que formou tambem o plano de aproveitar o incidente para tornar á antiga assiduidade... De volta com os planos, reboavam-lhe na alma as palavras da cartomante. Em verdade, ella advinhára o objecto da consulta, o estado delle, a existencia de um terceiro; porque não advinharia o resto? O presente que se ignora vale o futuro. Era assim, lentas e continuas, que as velhas crenças do rapaz iam tornando ao de cima, e o mysterio empolgava-o com as unhas de ferro. A's vezes queria rir de si mesmo, algo vexado; mas a mulher, as cartas, as palavras seccas e affirmativas, a exhortação: — Vá, vá, **ragazzo innamorato**; e no fim, ao longe, a barcarola da despedida, viva e graciosa, taes eram os elementos recentes, que formavam, com os antigos, uma fé nova e vivaz.

A verdade é que o coração ia alegre e impaciente, pensando nas horas felizes de outr'ora e nas que haviam de vir. Ao passar pela Gloria, Camillo olhou para o mar, estendeu os olhos para fóra, até onde a agua, e o céo dão um abraço infinito, e teve assim uma sensação do futuro, longo, longo, interminavel.

Dahi a pouco chegou á casa de Villela. Apeou-se, empurrou a porta de ferro do jardim e entrou. A casa estava silenciosa. Subiu os seus degrãos de pedra, e mal teve tempo de bater, a porta abriu-se e appareceu-lhe Villela.

— Desculpa, não pude vir mais cedo: que ha?

Villela não lhe respondeu: tinha as feições decompostas; fez-lhe signal e foram para uma saleta interior. Entrando, Camillo não poude suffocar um grito de terror: — ao fundo, sobre o canapé, estava Rita morta e ensanguentada. Villela pegou-o pela gola, e, com dois tiros de revolver, estirou-o morto no chão.

Seu Osorio de Castro

Seu Osorio de Castro
era incapaz de dizer "não"...

Trabalhador, homem sério,
mas sempre encontrava no meio do serviço
uns minutinhos pra brincar com a gente.

Lavava o chão lá de casa.
Cuidava da horta e do jardim lá de casa.
E não podia passar sem a criançada lá de casa.

— Seu Osorio, ocê qué fazê de cavallinho?
— Quero...

Seu Osorio de Castro
não sabia dizer "não"...

Um dia, quando elle ficou de comprido,
deitado no caixão alto e preto,
cercado de velas e soluços,
as crianças olhavam, como perguntando:

— Seu Osorio, ocê volta?

Foi nesse dia a primeira vez
que seu Osorio disse "não"...

PAULO MENDES DE ALMEIDA

Automovel Club do Brasil

Tres aspectos do vestibulo da bella séde á rua do Passeio, depois da refórma.

Nos concursos aquaticos da Liga da Marinha

O vencedor de uma das provas de gente nova

Senhorita Martha Schuler, do C. R. Guanabara, vencedora da prova mixta

No posto 4 de Copacabana, numa linda manhã, quando andou por lá o escriptor Guimarães Martins.

Minha Terra

Amo a minha terra moça e verde,
toda enfeitada de côr,
toda perfumada de belleza !
O céo azul das manhãs de Junho,
as noites claras de Agosto,
contando
cantando
maravilhas
harmonias...
Amo a minha terra
terra humilde e faceira
roceirinha vestida de chita
cheirosa
cheirosa a páo de Angola e baunilha
toda risonha
toda sincera
na ingenuidade de quem ama e crê !
A minha terra é como a mulata
cheirosa risonha
feliz na sua humildade,
e tão linda, tão linda,
que parece
vestida de seda...
Coberta de joias...
Minha terra...
Minha terra onde tem tanta cousa bonita,
tanta cousa gostosa
tanta cousa cheirosa...
Minha terra
roceirinha linda e ingenua
coberta de estrellas
cheinha de lendas...

E N E I D A

Senhorita Raphaela Spadafori, Rainha dos Empregados no Commercio do Rio.

●

Outras photographias de Copacabana.

Os onze do Rampla de Montevidéo e o combinado Rio-São Paulo que o venceu, domingo. Instantaneos do encontro.

Em baixo, os paulistas e os uruguayos que jogaram á noite, terminando por um empate. Aspecto da assistencia.

O FOOTBALL INTERNACIONAL

Greta Garbo

a
o

Da terra da garôa

(EM PLENA EPOCA DILUVIANA)

Chove torrencialmente, como hontem, como ante-hontem. Choveu a semana inteira... Os dias por isso se succedem iguaes desde pela manhã até á tarde. Não variam os aspectos. A côr é a mesma: cinza quando a cidade acorda, cinza á hora do almoço, cinza á tarde. Céo de chumbo sem variar de tom. A chuva é sempre a mesma, abundante, igualmente intensa a todos os instantes. Nunca tive tão forte sensação de monotonia.

São quasi cinco horas. Da esquina da rua Libero Badaró oiço as sonoras badaladas do solemne relogio de São Bento. Faltam quinze minutos apenas para o meu encontro com um elegante de São Paulo.

Fui convidado para um chá, pretexto para ver gente "chic" e apreciar futilidades encantadoras.

De longe avisto o meu amavel amigo. Estava britannicamente á minha espera, indifferente á agua que cahia do céo, defendido por um bello impermeavel, vindo de Londres.

Um chapéo marron escuro muito ao de leve posto á cabeça.

Alto, de hombros largos, esbelto, bem vestido e bem calçado, logo se via que elle era de boa linhagem. E' de uma distincção natural. Traço de familia. De uma "limousine" maravilhosa salta, como se sahisse de uma rica vitrine, uma linda dama.

Jorge Eduardo, num gesto suave, auxilia-a na descida.

Apresso o passo e chego no momento justo em que o rapaz, a cabeça descoberta, beijava a mão á formosa recem-vinda.

— Apresento-te minha mãe — disse-me elle com um sorriso vaidoso e bem depressa.

Não consegui disfarçar o meu espanto. Exclamei:

— Não é possivel!

— Sim, minha mãe...

— De que se espanta? interrompeu a dama de belleza impressionante.

— Tão moça com um filho assim...

Sentiu-se "flatée". Os seus olhos negros e inspiradores brilharam ainda mais. Um ligeiro e suave "frisson" sacudiu-a. De seu corpo desprendeu-se, então, com mais intensidade um perfume capaz de transportar á região do sonho o mais insensivel dos homens. A minha "flaterie" despertara, ou melhor, activara os sentidos da formosa senhora.

Num instante, eu previ todos os perigos a que se expõem duas pessoas que a sympathia envolve.

Já estavamos á porta do ascensor. Uma onda garrula transbordou da gaiola. Subimos. Eram precisamente cinco horas e dez minutos, quando, após a passagem pelo vestiario, penetramos no salão sombrio, de uma sobriedade ingleza.

Entrei com a solemnidade e a circumspecção de quem vae á uma ceremonia religiosa. O chá é a missa vespertina dos elegantes. No extremo da sala uma orchestra reduzida meigamente toca uma valsa. Sentamo-nos. Emquanto a senhora illustre que enfeitava a mesa com a sua graça, prestigiando-a com a sua belleza, desfazia-se das luvas, arrumava

Letinha de Castro, encantadora garota paulista, no Carnaval deste anno. Tirou quatro primeiros premios de fantasia mais rica: "Harmonia" — "Poças Leitão" — "Gazeta" — "Odeon".

a bolsa e retocava o "maquillage" com mil instrumentosinhos fabricados no inferno, eu observava o ambiente. Já, então, mais á vontade, olhei á direita e á esquerda, para frente e para traz.

A musica teimava na suave melodia... O salão é amplo e as paredes são guarnecidas de madeira preta, ligeiramente trabalhada, até certa altura. Moveis tambem negros, imitando estylo antigo. Cadeiras de braços, forradas de velludo azul escuro. Do tecto, cahindo em grande quantidade, á maneira de lanternas japonezas, "abats-jours", feitos de folhas finas de madeira preta — alegrados por uma fazenda com desenhos modernos, em tom amarellado. Pelas paredes, dispostos com symetria, notam-se braços sustentando velas que "abats-jours" de seda azul cobrem, amortecendo a luz.

— Chá, torradas e doces...

A minha companheira, fixa-me, sorrindo e quebra assim o silencio, acariciando ao mesmo tempo o braço do filho que lhe ficára á esquerda:

— Pois, meu caro senhor, sou uma mulher sem vaidades e sem pretensões. A minha gloria unica é ter esse filho que lembra Apollo e que tem doçuras de menina para commigo.

E cheia de "coquetterie", revelando o seu grande orgulho de mãe.

— Repare como todas ellas olham para a nossa mesa, attrahidas pela mascula figura do meu Jorge Eduardo.

— Engana-se, talvez. Acho que os olhares são para a mãe do nosso ephebo... As mulheres são ingenuas, minha senhora, e a cada passo traem o despeito que lhes provoca o apparecimento de uma creatura formosa.

— Ora, deixe-se de "blagues". O senhor não é jornalista? Pois então critiquemos. Vê aquella menina, ali, á direita, um pouco em frente, sim, aquella, a cujo lado está uma de vestido marron?

Realmente era uma figura curiosa de menina moderna. Feia, mas bem "despida", com gestos estudados, e requebros nervosos.

— Conhece-a?

— Sim. E' a filha unica de um ricaço, de origem italiana. E' a C. P... Qual a sua opinião?

— Uma fructa da época. Influencia de cinema. Americanismo. Affectação. O ridiculo interessante.

Justo nesse momento, a joven na berlinda trançara as pernas, deixando ver as coxas morenas até a altura de um babado de renda, provavelmente da calça de seda. Pose proposital. Da carteira tirou um cigarro, que por deitar muita fumaça azul, deveria ser "Abdulla". Collou-o aos labios grossos e reveladores de um temperamento. Todos a contemplavam. Ella distribuia esperanças pela assistencia. Falava alto, chamando a attenção.

— Ella tem uma paixão. O rapaz de quem ella gosta é casado e, receioso do que possa vir a succeder, evita-a.

Um pouco mais á esquerda, na direcção da janella, num grupo grande, destacavam-se dois perfis femininos.

— São duas brasileiras, filhas de syrio com italiana. O pae é um industrial riquissimo, esclareceu a mãe de Jorge Eduardo.

O baile das Camponezas em casa da senhora Altina Jardim

— Typos bellissimos, não acha? Olhos avelludados, transbordando de sensualismo.

— Repare naquella gente, meu caro!

Eram umas garotinhas de 17 e 18 annos, muito magrinhas, enfezadinhas, todas pintadas, mas com ar de campezinas endomingadas.

— São as filhas do coronel A. M de Ribeirão Preto.

— Já viu a consuleza X? Lá está ella.

— Esplendida. Chic. Brasileira?

— Sim, neta de italianos.

— Parece uma figurinha de Sevres...

E aquella moreninha que ri nervosamente estendendo a mão ao joven que se approximou?

— Uma divorciada. Falam muito della, mas eu não creio. Gosta de ouvir violão...

— Ah! Já sei...

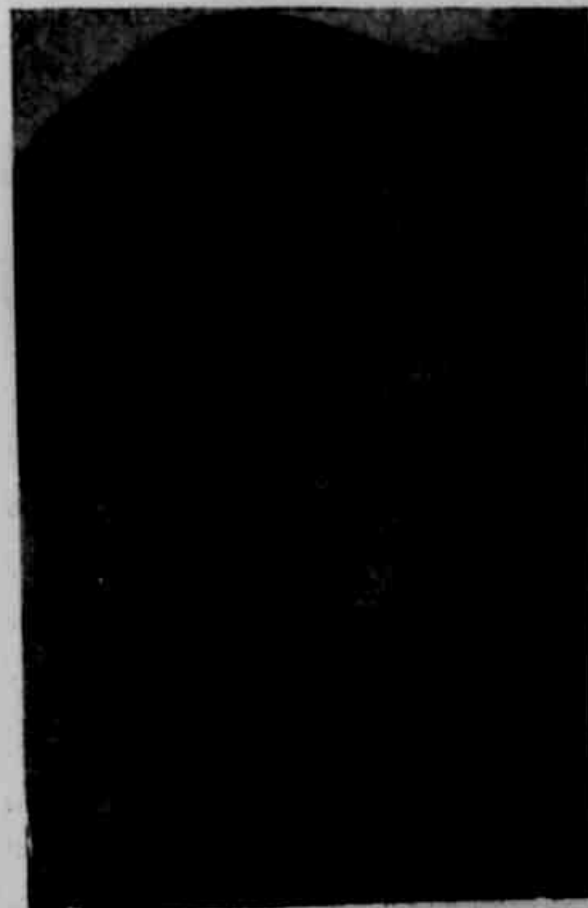
— Partimos?

— Se assim quer...

E deixamos a sala.

SALVADOR ROBERTO.

As rodas intellectuaes e bem assim as da melhor sociedade paulistana, receberam com grande jubilo a noticia do contracto de casamento do illustre engenheiro e homem de letras Epitecto Fontes, com a distincta declamadora Marilia Escobar Pires.

Elsie Houston Peret e Benjamin Peret, ella a cantora bem querida de todo o Rio de Janeiro intelligente, elle um dos escriptores mais penetrantes da ultima geração franceza. Estiveram uns dias no Rio. Foram a São Paulo. Irão depois ao norte e ao sul. No começo da estação vamos ouvir Benjamin Peret. E Elsie Houston Peret no começo da estação nos dará outra vez a alegria de applaudil-a. O autor de "Le Grand Jeu" viaja pelo Brasil como correspondente especial do "Petit Journal" e da revista "Vu", de Paris. O Carnaval carioca impressionou-o muito, impressionou-o muito mais que a bahia e os morros.

O Presidente Washington Luis com os senhores Ministro Victor Konder e Prefeito Antonio Prado Junior visitou, sabbado passado, as obras do prolongamento do cáes do porto.

Dois dos bellos bromoléos de Ouro Preto que figuraram na exposição de Paul Stille, no saguão da Associação dos Empregados no Commercio, entre outros de Diamantina e Marianna.

HISTORIA DE UM AMOR

POR KNUT HAMSUN

Os recem-casados voltaram de sua longa viagem de nupcias e descansam tranquillamente. Uma estrella errante se deteve em seu tecto.

Nunca se separam. No verão, passeam juntos e cortam flores amarellas, roxas e azues. Com ellas fazem grinaldas que trocam entre si. Contemplam a grama que se agita, movida pelo vento. Escutam o canto dos passaros, e cada palavra que pronunciam é uma terna caricia. Ao chegar o inverno passeam de carro. Os cavallos agitam os guizos. O céo está sempre azul e as estrellas pestanejam.

Flue o tempo. Elles têm tres filhos, mas se querem ainda como no primeiro momento. Um dia, elle cáe, enfermo. O mal crava-o no leito durante longo tempo. Quando se levanta, por fim, não se reconhece. A enfermidade desfigurou-o, despojando-lhe dos seus cabellos sedosos.

Isto o faz soffrer. Uma manhã, chama-a e diz-lhe:

— Já não me amas como antes.

Então ella o abraça com a mesma paixão do outro tempo e lhe responde:

— Eu te quero como sempre, como sempre... Nunca esquecerei que me escolheste entre todas as mulheres e que me fizeste e fazes feliz.

E depois entra em seu tocador e corta os seus cabellos dourados para parecer-se ao homem que tanto ama.

E os annos passam. Rugas profundas sulcam os seus rostos e os seus filhos já são homens.

Os seus corações, porém, têm a mesma juventude. A alegria de um é a alegria do outro. Correm pelos campos durante o estio olhando a grama que se agita. E no inverno se envolvem em pelles e passeam em carros sob a boveda estrellada. O coração lhes palpita como em sua mocidade e se sentem ardentes e cheios de alegria, como se tivessem bebido um vinho magico.

Mas um dia a mulher já não póde pôr-se em pé. As suas pernas estão paralyticas e é preciso collocal-a em uma cadeira de rodas que elle conduz, solicito, por todas as partes. Ella soffre muito e profundas rugas de dôr cruzam o seu rosto. Uma tarde diz:

— Eu queria morrer. A maldita molestia me tem sem um movimeto e estou esgotada, enfraquecida... E tu ainda conservas a nobre belleza de teu rosto... Não é possivel que me ames como dantes.

Então elle a beija ternamente e lhe responde emocionado.

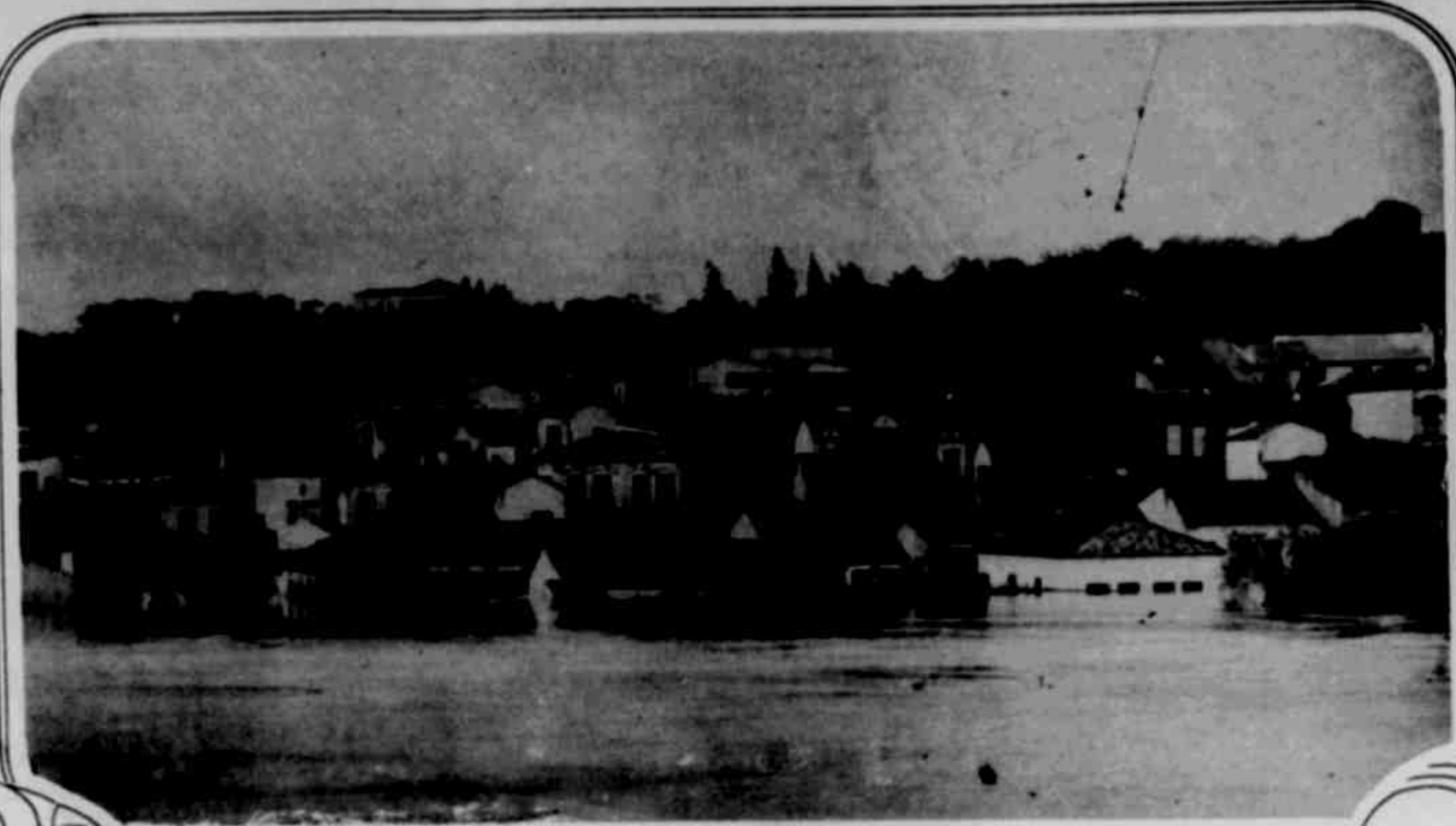
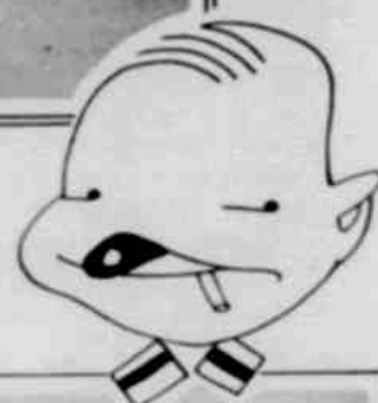
— Eu te amo mais que nunca. Eu te quero tanto como naquelle dia em que me deste aquella rosa... Lembras-te? E olhaste-me com os teus bellos olhos. Estava mais bella que a propria rosa, com as faces vermelhas e frescas. Mas agora te quero mais que então e te encontro mais bella ainda. Eu te bemdigo e te beijo as mãos por cada hora de felicidade que te devo...

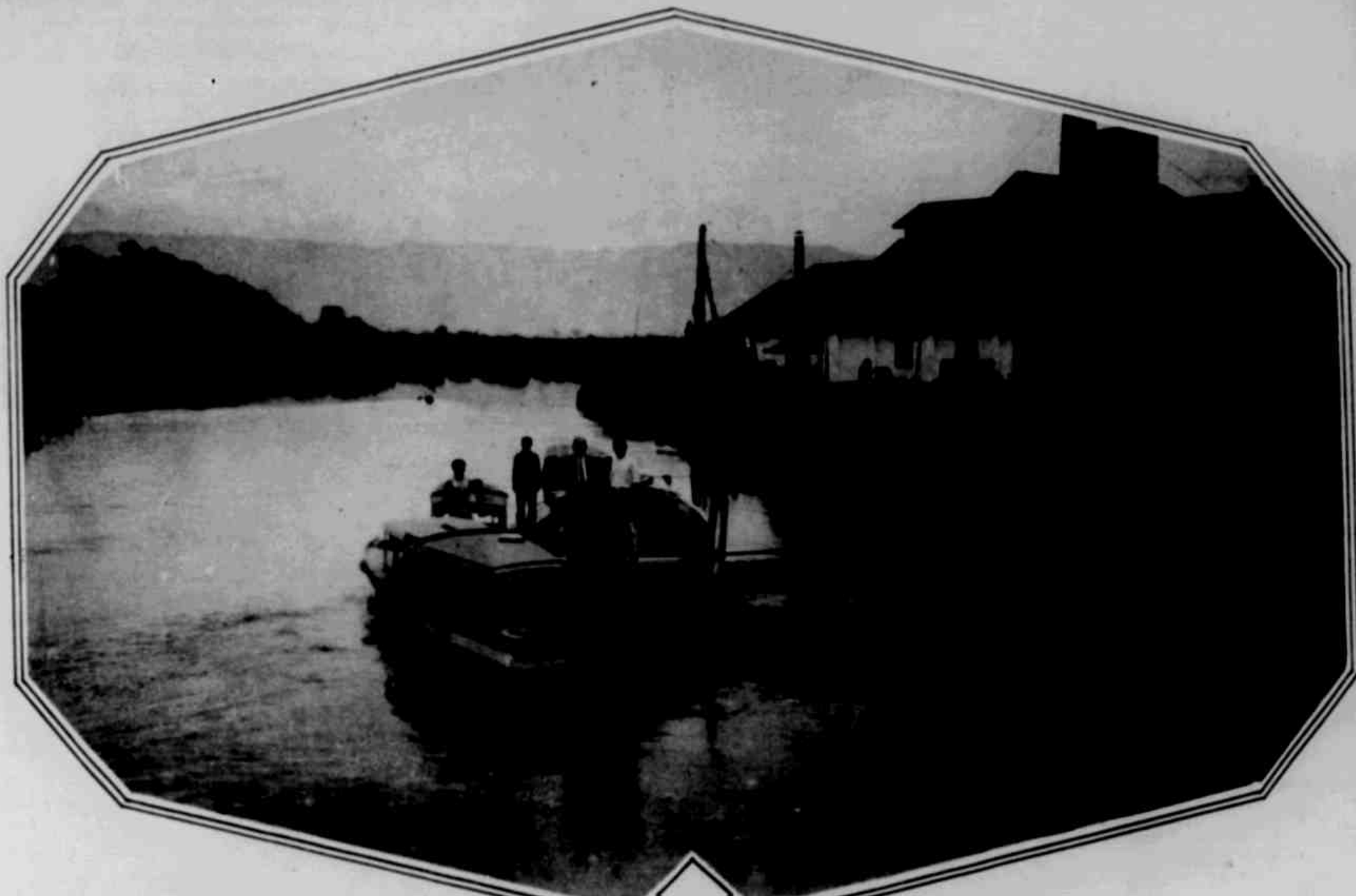
Depois entra em seu gabinete e desfigura o seu rosto com um acido. E fala assim:

— Queimei o rosto fazendo uma experiencia e estou desfigurado. Tu não me amarás assim.

Mas ella o aperta contra o seu coração e murmura:

— Vida minha, és para mim o homem mais formoso do mundo. A tua voz me estremece a alma. Eu te amarei sempre, até a morte.

ROBERTO RODRIGUES ILLUSTROU

A
ENCHENTE
DO
RIO SOROCABA

Aspectos em fins de Janeiro.

Photographias de Hoffmann

SANTOS

Montserrat
e
paysagem dos arredores da cidade

Enlaces

Alfreda Khoury
Elias Assi
em São Paulo

Leonilda Attaderno
Elpidio Muniz Barreto
no Rio

Edna Escobar Pires
Ibaê Cunha Alves Corrêa
em São Paulo

Francelina Cardoso
Juvenal Pimenta
no Rio.

Theatro

UM dos espectaculos mais bonitos que o Rio de Janeiro teve em mil novecentos e vinte e oito foi o da féerie organisada por Sergio da Rocha Miranda e Victor Carvalho, no Theatro Municipal, em beneficio da Pró-Mater. Foi bem a Féerie Merveilleuse. Victor Carvalho dá agóra uma noticia contente, recordando a noite de 14 de Novembro do anno passado:

— Nesse espectaculo, as ultimas novidades dos "music-halls" europeu foram apresentadas com a maxima perfeição pela fina flor da nossa aristocracia.

A critica foi unanime em proclamar a magnificencia e o bom gosto do espectaculo.

Waldemar Bandeira, Aureliano Amaral, João Luso e muitos outros não pouparam elogios a "Féerie Merveilleuse".

Quem não se lembrará da soberana elegancia da Sra. Theodor Xanthaky, do famoso "Lyrio" da senhorita Alda de Paula, do authentico e seductor "Modelo de Paris", da senhorita Ciçone Portocarrero, da graça das senhoritas Idefonso Dutra, da voz maravilhosa da senhorita Gilda Abreu e dos deslumbrantes "décors" de Gilberto Trompowsky ?

Pois bem. Todo esse grupo brilhante que tomou parte naquella representação começa a pedir, com insistencia, aos seus organisadores, que se repita a façanha, este anno, para inaugurar a estação proxima.

Seria um notavel acontecimento.

Todos se lembram com saudade, das noites de ensaio no Automovel Club, presididas pela Sra. Izar Betim Paes Leme, que, infelizmente, se a festa se realisar, não poderá prestar o seu valioso concurso, por se achar na Europa.

Esses ensaios constituiram verdadeiras festas de elegancia, a ellas comparecendo o escól da nossa sociedade e as figuras mais eminentes do corpo diplomatico.

Senhora Abigail Maia, que Porto Alegre vae applaudir de novo. Foi lá que ella estreou. Lá tem voltado muitas vezes. Agóra vae com a Companhia de Sainetes e com Oduvaldo Vianna actor.

Se faltam algumas "vedettes", como, por exemplo, as adoraveis senhoritas Bella Betim Paes Leme, Gilda da Rocha Miranda, que se encontram em Paris, e o Conde de Bailen, actualmente na Hespanha, surgirão, em compensação: as figuras gentis das senhoritas Lázinha Luis Carlos e Celina Portocarrero, que se achavam no Velho Mundo em 1927.

Para substituir o Conde de Bailen, que tantas saudades nos deixou, lembramos opportunamente o nome de um joven de grande talento para a scena, que poderá fazer, então, sua "rentrée" sensacional.

ODUVALDO VIANNA leva para Porto Alegre no seu elenco dois artistas novos: a senhorita Edith Lorena, que pertenceu á Cultura Theatral, e Atilio Milano, que pertenceu ao Theatro de Brinquedo.

O theatro instrue melhor do que um livro immenso. Isto é de Voltaire.

ANDAM dizendo que vem ao Rio no inverno a Companhia Pitoëff, aquella companhia que ha uma porção de annos, no boulevard des Batignoles, faz coisas intelligentes, com peças que ninguem montava assim, com interpretação que ninguem dava assim.

NO THEATRE GUILD DE NEW YORK

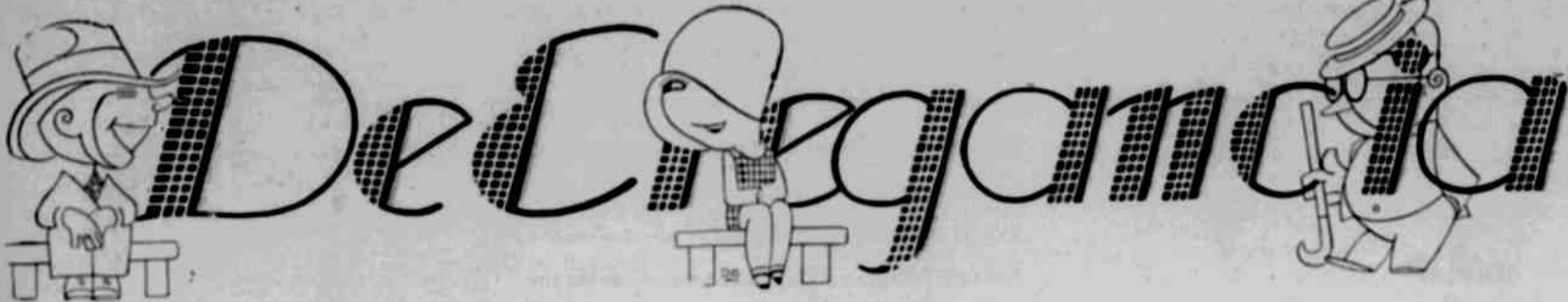
A LEGENDA "LILIOM" DE FRANZ MOLNAR

Joseph Schildkraut (Liliom) e Eva Le Gullienne (Julie)

Desenhos de ETHEL PLUMMER

Dudley Digges no papel de Sparrow

Helen Westley na dona da taverna

De Elegancia

Berilo Neves fala hoje ás leitoras do "Para todos..."

Já o conhece todo o mundo intellectual do paiz.

O escriptor, que é muito moço, impoz-se á admiração, não só da gente que cultiva as letras como da totalidade dos leitores.

Berilo Neves tem falado da mulher sob varios aspectos. Agora dirá da elegancia. E elle o diz com a personalidade inconfundivel que todos conhecem. Aqui vão as palavras do escriptor:

"A elegancia? E' a intelligencia da Fórma e a sensibilidade das attitudes.. Não ha nada mais difficil de definir nem mais impossivel de "crear" por synthese. Tanto a elegancia physica como a do espirito são dons cuja razão de ser póde filiar-se ao mesmo mysterio insondavel do protoplasma inicial. Não ha escolas para elegantes como não as ha para poetas nem esculptores: a cultura, o trato social, o contacto com os ambientes finos e distinctos aprimoram e requintam a elegancia, mas não n'a improvisam. Ha individuos sem cultura, sem virtudes do espirito ou da intelligencia, mas singularmente elegantes, desesperadoramente elegantes... Brummel foi um politico tão inhabil que acabou na miseria depois de ter tido a intimidade e o valimento dos

BERILO NEVES

principes. Petronio, de incontestaveis talentos literarios, era um bohemio de espirito que acabou mandando rasgar as veias para fugir á omnipotencia assassina de um Cesar ignorante..

O mecanismo intimo da elegancia desafia as intelligencias mais argutas e dotadas de capacidade intima de observação. Ninguem sabe nunca onde está a elegancia de um homem ou de uma mulher que nos chamam a attenção na rua pelo modo admiravel com que "tudo lhe vae bem"... A verdadeira elegancia costuma ser de uma simplicidade desnorteadora. Vê-se um laço de gravata bem posto e tem-se a impressão de que não ha nada mais facil do que repetil-o com a nossa propria gravata... Entretanto, um é uma obra d'arte, o outro uma semsaboria... E assim é tudo. Entre as mulheres, sobretudo, essas pequenas "nuances" têm um valor infinito. Um enfeite insignificante, um ornamento de infimo valor podem dar uma graça inesperada a um chapéo, ou a uma "toilette" que de outro modo seriam banaes, vulgarissimos... As modistas sabem disso e transformam essa "nuance" em um thesouro de inesgotavel fartura... Além disso, não basta ter um lindo chapéo ou uma bella "toilette": é preciso saber ajustal-os ao "eu" esthetico, ao complexo de linhas que fazem de cada um de nós um problema a parte, um caso especial em materia de elegancia. Cesar podia cobrir-se com a tunica de Petronio, mas ninguem o confundirá o "arbiter elegantiarum"... Ha damas riquissimas que dispendem fortunas com as suas costureiras e andam sempre mal vestidas... Outras, com pouquissimo dinheiro e muito gosto, fazem prodigios de arte e desesperam as suas rivaes... Em uma pessoa

verdadeiramente elegante todos os detalhes têm um certo valor artistico, e um unico gesto tem mais intelligencia do que algumas centenas de volumes de poesias...

A "anatomia da elegancia" é uma sciencia que, de futuro, poderá ter mestres e cathedraticos. Se é certo que não se póde "crear" a elegancia, é, todavia, possivel analysal-a... Assim como se reunem conclaves de artistas para estudar o modo de ser dos Rubens e dos Ticianos tambem poderão congregar-se os artistas para pesquisar o mecanismo intimo da elegancia, os mysterios subtis do seu poder de fascinação entre os homens...

E, ao mesmo tempo que a anatomia da elegancia, teremos, tambem, a "physiologia dos gestos", a "philosophia das attitudes", a "anatomo-phatologia" das expressões" e outras sciencias analogas, creadas para servir á vaidade da intelligencia e ao desespero do coração...

Porque, com a mania de reduzir tudo a principios scientificos, os homens estão esmagando as mais bellas flores do sentimentalismo, e assim como o amor já é encarado com a suspeição de um caso clinico não admira que, dentro em pouco, a elegancia seja estudada nos laboratorios, á luz do atavismo e das reacções chimicas...

Apenas, com a analyse scientifica da elegancia, ter-se-á reeditado o sabio apologo da mosca azul que se transformou numa pouca de lama asquerosa entre os dedos tremulos do poeta que almejou indagar a razão da sua belleza e do seu brilho... A elegancia é a mosca azul de certas almas..."

●

Alguns modelos de elegantes chapéos nos salões do cabelleireiro A. Fadigas:

de "bengale" natural guarnecida de fita "gros grain" azul pastel e de myosotis de velludo azul e coral; "cloche" de feltro verde amendoa e fita preta de setim "ciré"; de feltro azul e pequenas flores de velludo de dois tons; de "bakou" e pennas laqueadas de vermelho lacre; de feltro verde esmeralda; e de palha preta guarnecida de fita de velludo "fuchsia".

●

Para a secção de agulha: um "chandail" de lã de dois tons, pouco "tissé". O ponto é dos mais faceis, trabalhado como o do jersey commum e a começar pela fimbria da blusa. A' frente do "sweater", dois triangulos vermelhos. Costas de tom unido. O mesmo enfeite vermelho, nas pontas das mangas. Azul e "beige", preto e amarello, telha e crême, ficarão muito bem para tal feitio de "sweater".

S..O R C I È R E

O TRISTE VIDA

POR

MARQUES REBELLO

— Então é aqui mesmo que está o Vavá ?

Tancredo mexeu com a cabeça: que sim. E o Antonio arregalou os olhos matutos. Sim, senhor. Era imponente mesmo aquella fachada. Parecia até cousa de cinema. Aquella torre... aquella escadinha... E aquelles buracos na parede ? (Interrogações faiscando na cabeça do Antonio) Perguntou ao Tancredo:

— Que é aquillo ?

— Aquillo o que ?

— Aquelles buracos.

Tancredo sacudiu os hombros: Sei lá.

As letras pretas no paredão caiado de novo: AQUI SE APRENDE A DEFENDER A PATRIA. Antonio sentiu pelo peito uns arrepios patrioticos.

O sentinella sahiu da guarita e perguntou o que queriam. Falar com o Vavá. O sentinella não conhecia o Vavá e chamou o cabo de dia. Cabo Rocha Moura, parafusando a cabeça, furava com os olhinhos miudos a cara do Antonio mais a do Tancredo.

— Vavá ? Vavá ?

Coçava a orelha immensa:

— Vavá ?

Foi genial:

— Ah ! já sei ! Ora !... E' o Oswaldo. Nem podia deixar de ser. Oswaldo é Vavá.

E berrou pra dentro:

— O', 134, vae chamar ligeiro — hein ! — o 116. Lá na bateria, ouviu ? 116 !

E chupou o cigarro, satisfeito.

O 134, que estava dormindo, appareceu aborrecido:

— Hoje soldado não póde falar com ninguem, seu cabo. E' dia de exame.

Cabo Rocha Moura enguliu damnado a observação do 134, ageitou o kepi e deitou autoridade:

— Então pódem entrar pra ver o exame. Quando elle acabar vocês falam. Se perguntarem—e olhava para o 134 de cima — digam que fui eu que mandei entrar, ouviram ? Eu, o cabo Rocha Moura, da guarda.

E subiu a escada radiante, tossindo grosso pro lado do 134. (Tomou, negro ! Com cabo Rocha Moura, José Joaquim da Rocha Moura, paraense de facto, é tudo ali na p'ririca !).

Elles entraram sem geito. A bateria vinha damnada de bonita num passo certo. Tambor e corneta na frente. Que barulhão afiado !

Tancredo estava até se sentindo mal. Antonio estava bestificado.

E a bateria vinha vindo marcial, com o tenente ao lado e o sargento Machado na frente puxando a cadencia:

— Um, dois !

— Um, dois !

— Um, dois !

Antonio, lá em Miracema, nunca tinha visto cousa igual. A procissão da Nossa Senhora do Amparo, que era a padroeira da terra, nem por cousa nenhuma era parecida.

— Que belleza. Nossa Senhora ! Isto é que é vida ! O resto ?... Historias...

O tenente gritou, esganiçando a voz:

— Meia voolta, voooolver !

E a negrada toda virou ao mesmo tempo e continuou marchado sem perder o passo.

O Antonio de bocca aberta:

— Eta, negrada, afiada ! E eu que não sabia disso, hein, Crecredo ?

Tancredo nem se mexia.

— E'.

E no meio do batalhão o Vavá, importante, de farda recortada, muito limpo, brilhando. Ota, inveja. Sae... Antonio não cabia em si de tanto despeito.

— Está vendo só, Crecredo ?...

O Vavá, um besta daquelles, jogador

Lembrança do Carnaval. Instantaneo no baile infantil do Tennis Club de Petropolis.

de marimbáo na Ponte Nova, nesta vida aqui e eu lá fóra feito um bobo.

Quando o tenente gritou: A'to ! a bateria deu ainda quatro passos contados e fincou as carabinas no chão com um barulho só: pram !

Antonio não se conteve:

— Vae embora, Crecredo, que eu fico ! Vae mesmo e diz lá em casa que eu fico. Que eu fico soldado. Fala lá com mamãe que é pra ella não se vexar, mas que é resolução mesmo.

AQUI SE APRENDE A DEFENDER A PATRIA. O Antonio sentia arrepios patrioticos ao falar com o tenente Christovão, mulato, que queria ser soldado.

Bem por cima dos canhões : CIVIS PACEM, PARA BELLUM. Cabo Pedro, crente um pedaço naquella vida, não sabia latim, mas sabia a traducção assim — assim:

— Se queres paz, prepara-te para a guerra.

E explicava com exemplos cabelludos.

— A Argentina...

Aquelles frios e aquellas tremuras dentro do Antonio. Será ?... Não. Com certeza era a tarde. Friasinha...

Na mesma noite arrumaram um cinto nas costas delle para ser plantão.

— E' pra acostumar, disse o sargento Pedrosa, cutucando o nariz.

Contentamento aquelle de passar a noite inteira acordado, passeiando, dum lado pro outro, no alojamento, com um cinto nas costas. Nem farda tinha ainda. Não faz mal. O cinto é que dava importancia a cousa. E elle estava sentindo a importancia. Se estava !...

Empombou com um sujeitinho magrella, o Louva-Deus, que queria dormir de sapatos.

— Porco ! Eu dou parte, hein ? Nem parece soldado do Brasil. Grande porco !

E lascou uma bruta descompostura em Portuguez a troco o Louva-Deus não sabe de que.

Quando elle quiz sahir equipado para a rua, o cabo enredou:

— Tu tá louco, menino ? ! Armado ? !... Ué, então você pensa que isto aqui é assim á bessa ?...

E sumiu pela porta do rancho. Antonio ficou de nariz torcido, banzando. Ué !...

Mas no outro dia elle sahiu mesmo. Jegue. Um pouco larga. Porém elle não sentia largueza. Sentia até que estava bem juntinha no corpo. Fantastica. Alinhadissimo. E sonhada: Daqui ha dois mezes... Dois mezes, não. Daqui a um mez, já sabe, perneiras Paraná, legitimas, iguaesinhas as dos officiaes, e kepe bataclan.

Deu-lhe uma gana de prender todo mundo. Paisano não passa na minha guela. Ah ! se elle pudesse prender tudo que era paisano !... Tá preso ! Ah ! se elle pudesse... E parava nas esquinas gastando importancia.

Cantava mentalmente:

"Nós somos da Patria a guarda..."

Mas mudava:

"Eu sooou da Patria a guarda..."

E' Estragava mesmo. E mesmo não era só elle. Todos. Todos os soldados eram da Patria a guarda. Egoismo delle. Egoismo ? Onde é que elle já tinha lido uma cousa sobre egoismo ? Foi num artigo ?... Numa poesia ?... Num romance ?... Foi num artigo sim. Ah ! já sei. Foi na "Voz de Miracema", quando era empregado na padaria "Flor de Fiume" do Seu Genaro. Genaro Ferruci. Italiano... Onde era a Italia, gente ? E a Inglaterra ? Longe pra burro. Seu Genaro sempre dizia; cuspinhando muito: dez dias de viagem, caramba, daqui até lá. E de navio, note-se. Longe... Na Italia haverá soldados ? Ora,

(Conclue na pagina n. 41)

A rua Cracovia com os hoteis "Europa" á esquerda e "Bristol" á direita.

Varsovia Capital da Polonia

O Palacio " Lazienki ", no jardim publico do mesmo nome.

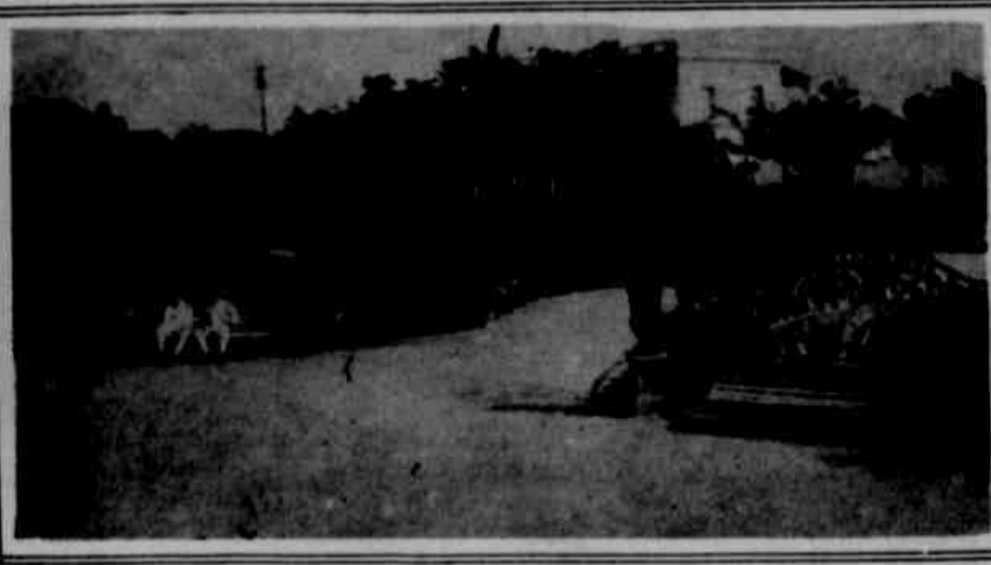
Igreja do Santissimo Sacramento.

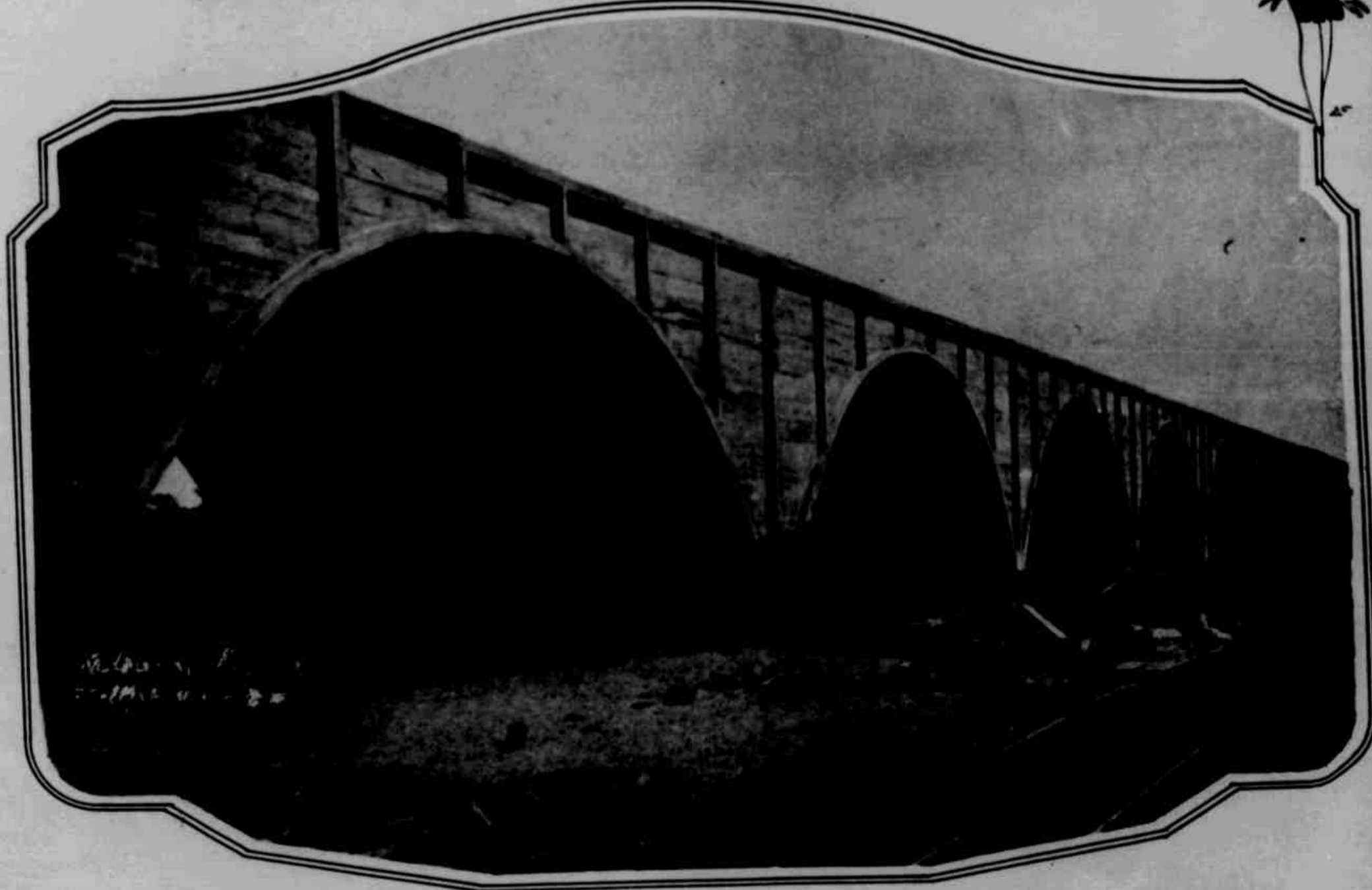
Vista parcial do porto de Corumbá

MATTO GROSSO

Palmeira leque

Dois outros recantos do Jardim Publico de Corumbá. No da direita, ao centro, o monumento ao general Antonio Maria Coelho.

Jardim Publico

BRASIL-URUGUAY

Dois aspectos dos trabalhos de construcção da Ponte Mauá sobre o rio Jaguarão que liga a cidade deste nome no Rio Grande do Sul á villa uruguaya de Rio Branco no departamento de Cerro Lago.

Madrugada em Olinda

A' direita no alto arco da ponte do Recife já demolido

Em baixo altar-mór da Con-Cathedral de São Pedro dos Clerigos no Recife.

PERNAMBUCO

O Triste Vida

(CONCLUSÃO)

que pergunta mais besta!... Tinha de haver! E o inimigo?

Italia... Inglaterra... Portugal... Brasil... Quantos paizes. Mas na escola regimental tinha aprendido. (tenente Dantas, muito mocinho, é que ensinava): O Brasil é um colosso. O Brasil é isto. O Brasil é aquillo. O Brasil é o paiz mais rico do mundo! Do mundo!... Logo elle como soldado do Brasil...

Apalpou o bolso fundo do culote: trezentos réis. Rico... Soldado do Brasil... Rico...

Diabo! mas onde é que mesmo a Italia? !...

Elle encarou a moça familia, "tirando retrato", e ella bateu a janella na cara delle:

— Atrevido!

— Besta! resmungou e sahiu gingando de vagar, fazendo visagem pra mulatinha que estava no portão da avenida esperando o namorado.

Depois o negocio desandou. Xadrez, impedimentos, descontos... Onde está o meu kepi? A lua bebeu. Sempre que some alguma cousa, ladrões, é a lua que bebe. Que gororóba safada de ruim! Vinte e um mil réis só por mez! Qual... Quem é que disse que isto é bom? Quem é que disse?

— Triste vida, triste vida...

Não tinha outra cousa na bocca. As idéas tambem estavam murchas. Triste vida só.

Tanto lamentou a sua triste vida que acabou apanhando o appellido.

— O' Triste Vida, vae levar este relatorio na casa do seu commandante.

Antonio ia resmungando. Devagar. Pra que pressa?

O poeta Ramiro Gama, autor do bello livro "Estuario".

Sargento rompia logo na falseta:

— Tu tá te fazendo de besta, diabo? Anda com isso, home!

Triste Vida nem ligava. Devagarinho...

Sargento velho não dormia. Lascava nas canetas. E de tarde, era certo, na leitura do boletim: está impedido por quatro dias o soldado numero 243, Antonio Tavares da Silva. Porque sargento Curio não dava canja não. Brincadeira ou mamparriação com elle era ali na exacta.

— Dá licença, meu tenente?

Tenente nem ouviu, lendo o "Correio da Manhã". Triste Vida fez que elle tivesse ouvido e metteu as caras.

— Sabe de uma cousa, meu tenente? Tenente Christovão levantou a cabeça com pouco caso.

— Eu quero a minha baixa.

Tenente riu.

— Não póde, rapaz...

— Mas meu tenente...

— Que se ha de fazer? E' ficar aqui mesmo gemendo, Triste Vida — e riu — Você ainda não completou o tempo. O Regulamento... Você sabe, não é?

Triste Vida fez uma continencia rambas e sahiu.

O 131 perguntou:

— Você não vae á festa dos pescadores, Triste Vida? Vae ser boa um pedaço!

Triste Vida perdeu a cabeça:

— Triste Vida, hein? Toma!

Um palavrão deste tamanho e um bofetão furioso em cheio na cara do 131.

Depois, quinze dias de fortaleza em Santa Cruz, com trabalhos forçados na pedreira e saudades das noites compridas da Miracema pacata, quando elle ainda não estava aprendendo a defender a Patria...

Graphologia

AVISO

Temos inutilisado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal, e outras, finalmente, escriptas a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente assignados em papel liso. O pseudonymo só é permittido para a resposta.

BEATA (Juiz de Fóra) — Muita imaginação, grandes aspirações, orgulho misturado á generosidade, energia, alguma reserva. O córte dos tt revela teimosia, audacia, temeridade, mesmo. Ha entretanto bondade no arredondado das letras.

PHILO' (Juiz de Fóra) — Superioridade, finura, impressionabilidade, espirito fantasista, pouco amor á verdade... Inconstancia, alguma energia quando quer impôr suas opiniões. Desejo de confiar a outrem seus pensamentos. Alguma tristeza, desalento, depressão nervosa, talvez até preguiça... Impaciencia, irreflexão, impulsividade.

MARIA LUIZA (Juiz de Fóra) — Firmeza, severidade, inflexibilidade temperadas de alguma bondade natural, e condescendencia, ás vezes. Alegria de viver, ambição, coragem e esperança. Cortezia, lealdade. Graça natural e um pouco de capricho. Cultura, precisão, ordem.

VICTOR MAURO (São Paulo) — Sua graphia em serpentina é signal de pouco amor á verdade, maleabilidade de espirito, impressionabilidade. Minucia, fadiga, mesquinharia no typo meudo de sua letra, assim como egoismo, avareza, timidez. A dissimulação é patente, comparando-se a letra da carta e sua assignatura, parecendo que uma pessoa escreveu e outra assignou... A' pergunta que faz a graphologia não póde responder, dizendo-lhe eu apenas que as mulheres não gostam dos egoistas, dos avarentos, dos timidos nem dos dissimulados...

DIVA (Santos- — Actividade, cultura, precipitação, enthusiasmo. O movimento centrifugo da penna nos finaes das palavras e de sua assignatura é signal de altruismo, benevolencia, coração nobre e generoso, assim tambem o traço ou rubrica com que sublinha seu nome é uma affirmação, aliás, desnecessaria de sua personalidade.

Um tanto vingativa quando offendida, acha, como os antigos deuses, prazer na vingança; tem amor ao confortavel, ao luxo, mesmo. E' vaidosa, gostando de "apparecer" e ser notada.

BOHEMIA (Rio) — Delicadeza, sensibilidade, indecisão, fraqueza; timidez; medo, receio de desagradar ou parecer que é "demais" em qualquer parte. Amor ás imagens. Alegria de viver, mesclada ás vezes, de certa inquietação, nervosismo.

CLECY (Rio) — Emotividade, agitação, mobilidade, superexcitação quasi constante. Um pouco de egoismo, ciume, amor tambem ao luxo e ás viagens, prodigalidade. Gosto pelas situações complicadas, mysteriosas...

Num dos "dias" do anno passado...

O interessante Leandro, filho do nosso collega de imprensa Aristophano Antony

ARINAGED (Rio) — Como as duas precedentes, o material enviado para estudo foi muito parco: duas ou tres linhas apenas, incluindo a da assignatura, o que difficulta o estudo mesmo ligeiro e superficial que se faz aqui. Vê-se, entretanto, apezar de tudo, precipitação, estouvamento, pressa, inquietação, pouco caso do juizo que possam fazer a seu respeito os que lhe criticam actos e palavras. Franqueza, ás vezes, em demasia, pouca cultura, bondade e indulgencia.

BEATRIZ H. GUIMARÃES — Aspirações elevadas e nobres, imaginação fertil, orgulho, generosidade alliadas á energia, reserva, firmeza, attitudes francas e decisivas. Alguma preoccupação, desgosto, desalento, tristeza, melancolia; pelo menos ao escrever as linhas... descendentes que mandou para estudo. A bondade do arredondado das letras se transforma, ás vezes, em aggressividade, que se nota na maneira de cortar os tt, por onde se vê ainda temeridade, audacia, impulsividade. Amor ao luxo e ás viagens.

DAISY (Icarahy) — Letra denunciando fraqueza, sensibilidade, delicadeza; linhas sinuosas mostrando espirito maleavel, accommodaticio, impressionavel e pouco amigo da verdade. Economia, reserva, egoismo, receio, timidez.

DESALENTADO (Rio) — Ingenuidade, credulidade, algum sensualismo, amor aos prazeres, glutoneria. Isso não exclue bondade natural, doçura, indulgencia, molleza, mesmo, sem opinião propria, deixando-se levar pelo primeiro que o suggestionar a fazer isto ou aquillo. O traço complicado e em laço com que friza sua assignatura é um signal de que gosta de situações embaraçosas, creando-as, mesmo pelo prazer, talvez, de se enrodilhar nas suas complicações. Tristeza, desencorajamento, preguiça de agir e até... de pensar.

HELENA MARIA (Quarahy) — Desconfiança, contensão, dissimulação é o que se nota logo na sua letra inclinada fortemente para a esquerda. As linhas curvas, porém, dão idéa de que é tambem bondosa, indulgente, cheia de doçura para os que lhe "caem em graça". Estava sob a influencia de séria depressão nervosa, triste, desalentada, fatigada e talvez, por isso mesmo, se resolvesse a confiar ao papel as linhas que escreveu. Como vê, não são tão grandes os defeitos que suppunha ter. Um pouco de energia, de força de vontade poderão corrigir as pequenas falhas apontadas.

GRAPHOLOGO

A doutrina de Freud

Os psicoanalistas aproveitam tambem nas suas investigações os menores factos da vida diaria comum. A psicologia da vida diaria deu a Freud o motivo de um dos seus interessantes livros — "*Psychopathologie des Alltagslebens*". Ahi são estudados os gestos da vida comum, visto que estes obedecem a um determinismo a que ninguem fóge. A mimica, os reflexos, os cacoêtes, a inflêxão da voz, uma palavra solta e habitual, os lapsus, as ratadas, os esquecimentos de nomes, trócas de palavras, etc., tudo isso serve para o descobrimento de tendencias e desejos inconscientes, porque são como os sonhos, isentos dos disfarces criados pelas fórmas desenvolvidas da actividade psiquica voluntaria, adaptada ao meio social.

Não ha um só facto da vida diaria comum cuja origem a psicoanalise não descubra, mesmo dos que na aparencia são inteiramente arbitrarios. Vou dar um exemplo meu, para evitar a copia dos exemplos de Freud. Poucos momentos antes de escrever estas linhas, estava eu trauteando distraídamente um trecho de musica que ha treze anos não ouvia, facto esse que me despertou a atenção e o desejo de aplicar as idéas de Freud, para lhe conhecer o porquê. Foi facilimo. Estava eu na Praia de S. Vicente; vinha voltando da casa do Snr. Nobiling, onde fora buscar um volume da Enciclopedia Brockhaus. Ao chegar á casa daquelle snr., havia encontrado suas filhas no jardim, a brincar num balanço pendurado no galho de uma arvore; ao mesmo tempo eu ouvia o bater cadenciado das ondas, na Ponta do Itararé. Estava explicado o facto. A musica que eu trauteava, na volta, era um trecho de uma opereta que ouvi em Berlin, em 1906; era uma canção que quatro ou cinco moças cantavam, ao mesmo tempo que se divertiam, cada uma num balanço, desses que as crianças tanto apreciam. Esse trecho de musica era frequentemente tocado pela banda do navio alemão— Raetia — em que voltei da Europa, ha treze anos. Está ahi claro o determinismo. A ligação se fez inconscientemente. Eu não me lembrava da opereta nem do navio alemão, nem de Berlin. Dei um exemplo futil, banal, facilimo, para bem salientar o determinismo dos factos da vida psiquica, como êles são compreendidos por Freud. Ha casos muito mais complicados, mas a psicoanalise os illucida, a todos. Os esquecimentos de nomes proprios são sempre atribuidos a falhas de memoria, sem mais explicações. Isso é um erro. Muitas vezes é uma repulsa inconsciente que simula um defeito da memoria. A psicoanalise descobre quasi sempre essa repulsa. Outras vezes um desejo inconsciente nos faz dizer o contrario do que pretendemos dizer conscientemente. Freud apresenta nesse sentido exemplos interessantissimos.

Todos os medicos atilados conhecem isso, praticam esse metodo durante os seus exames psiquicos; todos o praticavam, antes de Freud, mas o faziam como habilidade pessoal, intuitivamentte, sem tecnica preestabelecida.

Taes pequenos factos são para Freud indicios reveladores de *complexus* inconscientes, de desejos dissimulados, razão pela qual foi êle buscal-os para incorporar

Enlace
Clotilde Maria de Sant'Anna — Paulo José Ferreira d'Almeida.

o seu estudo ao dos sonhos e da associação de idéias, como mais uma fonte de ensinamento.

A habilidade de algumas autoridades policiaes investigadoras (excluidos, portanto, os que exercem esse oficio como simples empregados publicos — a mór parte), funda-se exactamente no conhecimento intuitivo, empirico, de todos esses pequenos factos, aos quaes se refere a escóla freudeana.

Citámos, linhas atraz, o caso do delegado do Maranhão, que Freud de bom grado acolheria no seu livro, si não tivesse farta mésse de factos identicos no seu proprio meio social. Um simples gesto, o cumprimento, traíu todo o psiquismo do homem naquêle momento. Foi o fio conductor pelo qual a autoridade penetrou no intimo do criminoso e por um processo simples, inconsciente: substituiu sua propria personalidade pela do delinquente, isto é, pensou como êle naquêle instante.

O Prof. Bleuler, pela leitura de um romance, previu matematicamente o divorcio do autor do livro, com um ano de antecedencia.

Nuo é nossa intenção reproduzir aqui o livro de Freud. Os curiosos não se contentarão com a leitura deste nosso apressado resumo; irão á fonte original. E' isso exactamente o objectivo que nos levou a expôr estas doutrinas. Abre-se aqui um vastissimo campo de aplicações das doutrinas psicoanaliticas, não sómente em relação ao crime e ao criminoso, como para o conhecimento dos moveis e afinidades subconscientes dos funccionarios da justiça que, sem o saber, são tambem victimas, nas suas determinações, de sua afectividade reprimida ou recalcada. Não creiam, pois, os senhores funcionarios da justiça, que só os criminosos são victimas de suas tendencias; êles tambem fazem muitas vezes descrer da justiça, em nome da qual agem, sob a influencia de suas proprias tendencias inconscientes. E' duro, mas é verdade.

Neste capitulo, da psicologia da vida diaria, entre o estudo do *espirito cómico* (Witz) ao qual dedicou Freud um artigo especial.

O gracejo, a pilheria caustica, a caricatura dos jornaes, a mistificação por troça, em tudo isso o processo psicoanalitico descobre o simbolismo sob o qual se escondem os *complexus* inconscientes ou uma idéia mais ou menos consciente do autor, que assim realiza economicamente uma tendencia afectiva — desejo de injuriar, vingança e, frequentemente, uma tendencia erotica. A tendencia erotica, sobretudo, é de uma frequencia que não póde deixar de impressionar os que estudam a psicoanalise. O gracejo sexual, por mais velado que seja, é uma aggressão sexual. Freud aplica, nesses casos, os seus processos de analise. O mecanismo psiquico do cómico tendencioso é assim descrito por êle: diversos factos reunem-se num só, despertado pelo gesto, palavra, ou incidente gaiato; é a *condensação*. A *elipse* exprime essa condensação numa só palavra, numa interjeição ou num acto. A *deslocação afectiva* faz com que se torne agradavel ou risivel um facto indiferente, mas que está em relações associativas com um outro

oculto, cuja força emotiva passa para o primeiro e assim tem sua expansão livre. A *alusão simbolica* dá-se, no cómico, por alegoria, como nos outros factos psicologicos já apontados pela psicoanalise. Exemplo:

O director do jornal *O Seculo*, dirijindo-se uma vez a um poeta do Rio de Janeiro, pediu-lhe um exemplo de cumulo de lerdêza. Este respondeu: o sujeito ir ao W. C. e levar um *seculo*... Ao que o outro replicou: fica *sem anos*...

Ahi se vê tudo: condensação, elipse, alusão simbolica e transferencia emotiva. É um meio economico de expansão, sem luta com a censura, que representa a moral. O desejo agressivo se realiza sem offensa a etica.

O Rio de Janeiro, como todas as grandes capitaes, é fertil em producções dessa especie. O povo, sequioso de oportunidade para expandir tendencias reprimidas, principalmente eroticas, desabafa-se quando um facto notorio lhe permitte expandir essas tendencias, iludindo a censura por meio de alusões simbolicas. No nosso tempo de curso academico apareceram no Rio de Janeiro dois embaixadores chinezes — o Ku e o Fu — a proposito dos quaes aquele povo deu largas a essa tendencia. Surgiram até livrinhos de versos, cujo motivo era o primeiro embaixador, pois o segundo só servia de consoante para a rima.

Ha outros motivos determinantes dos gracejos, entre os quaes, por exemplo, o prazer infantil de brincar com as palavras, deformando-as; o prazer de reunir numa só formula diversos factos individualmente conhecidos, etc.

Criada a psicologia de Freud, com caracter geral, era inevitavel sua expansão como sistema filosofico, a abranger na sua esféra a arte, a religião, a moral, a literatura, tudo o que concerne actividade psiquica no que éla tem de mais elevado (sublimado). Religião, arte, filosofia, são aspirações idealisticas do instinto; a histeria, a paranoia, a catatonia ou a demencia precoce, realizariam macaqueações estereis. Essas doenças isolam o sujeito do seu meio social, a cujo modo de pensar colectivo êle não se adapta, mas nem porisso deixam de ser, no fundo, da mesma natureza das mais nobres aspirações humanas.

Vejamos as palavras de um ardente sectario das doutrinas de Freud: "A dogmatização da religião é um processo pelo qual se rouba á simbologia miticoreligiosa toda sua força sentimental. O labor dos teólogos, na sua faina de intelectualizar as crenças, nada mais faz do que degenerar o culto em árido verbalismo, até que surge um espiritto dotado de forte tonalidade emocional — o profeta — que, pela regressão de sua *libido*, consegue, a vigorosa palingenesia de um mito primitivo, quasi esquecido, que alivia seus contemporaneos do peso das difficuldades da vida real, objectiva, e os convence, porque reactualiza o que havia de mais precioso para êles em outras épocas mas recalcado desde a infancia no fundo de seu espirito. Fornece-lhes assim o meio de satisfazer dissimuladamente as exigencias da *libido*, porque a essencia da religião, como manifestação dos poderes sobrenaturaes, é meramente um sensualismo supernormal, um psicoerotismo espiritualizado, transcendentalizado, apoteozado. A sciencia, por outros caminhos, já tinha o conhecimento adquirido de que o extase mistico se assimilha ao gozo venereo, e é desprovido, portanto, de todo e qualquer significado misterioso ou suprafisico". (H. Delgado).

O grande e fogoso escritor columbiano, Bargas Vila, parece ter se enfronhado

nessa doutrina para escrever "A Tragedia do Christo", livro em que se reduz a morte do suave Nazareno a simples questão de ciumes de Judas. A celebre frase — *cherchez la femme* — não é, pois, um simples gracejo generalizado; encerra uma noção profunda da psicologia pratica.

Mesmo nas religiões adeantadas encontram-se simbolos libidinosos nos seus diversos misterios. No despontar das primitivas civilizações houve religião em que se adoravam os simbolos do acto sexual. O culto *falico* é a prova disso, e o orgão masculino, evidentemente o mais activo, tomou a supremacia, origem da *androcracia* das organizações sociaes modernas. (1)

Houve, entretanto, povos primitivos em que dominou a *ginocracia*, porque entre êles o elemento feminino foi considerado como mais importante. O feminismo actual é bem uma tentativa de modificação da antiga, enraigada *androcracia* que tem dominado até hoje. Foi de certo dahi que Mäder tirou sua descrição de dois tipos de mulher: o maternal, tipo literario da matrona classica, mais dedicada aos filhos do que ao conjuge; o outro é o *Kitzlertipus*, o da antiga cortezan que influia na politica. Uma cortezan brasileira do seculo passado, mostrou que este tipo póde evolver-se para o primeiro.

Os psicoanalistas estabelecem um simile entre o qual se observa nos povos primitivos, com relação aos mitos, e nas crianças actuaes com relação ás historias de fadas. Os mitos, ou fixam-se em corpo de doutrina, como religião, ou decáem como valor psicologico e são as lendas, contos, tradições, fabulas, de objectivos muito mais modestos. Para as crianças a lenda tem aparencia de realidade objectiva, porque élas acreditam na realidade de impulsos consoantes os seus.

Os contos de fadas têm similhanças notaveis, como outras lendas, em todos os pontos do globo, facto que a psicoanalise explica sem dificuldade. O factor sexual aparece dissimulado nesses contos, nos quaes estão ocultas as mais perversas tendencias, principalmente a algolagnia (o prazer libidinoso ligado á dôr) no seu grau mais elevado — o sanguinario. São, na opinião de Riklin, criações da alma primitiva, utilizadas de acôrdo com a tendencia geral do homem: — a satisfação de seus desejos.

E' interessante seguir a Psicoanalise nas suas investigações extra-medicas, até na origem sexual da *linguagem*, que se explica pela tendencia pansexualizadora do homem. A existencia dos generos gramaticaes é uma das provas do absoluto dominio do ponto de vista sexual na criação da linguagem.

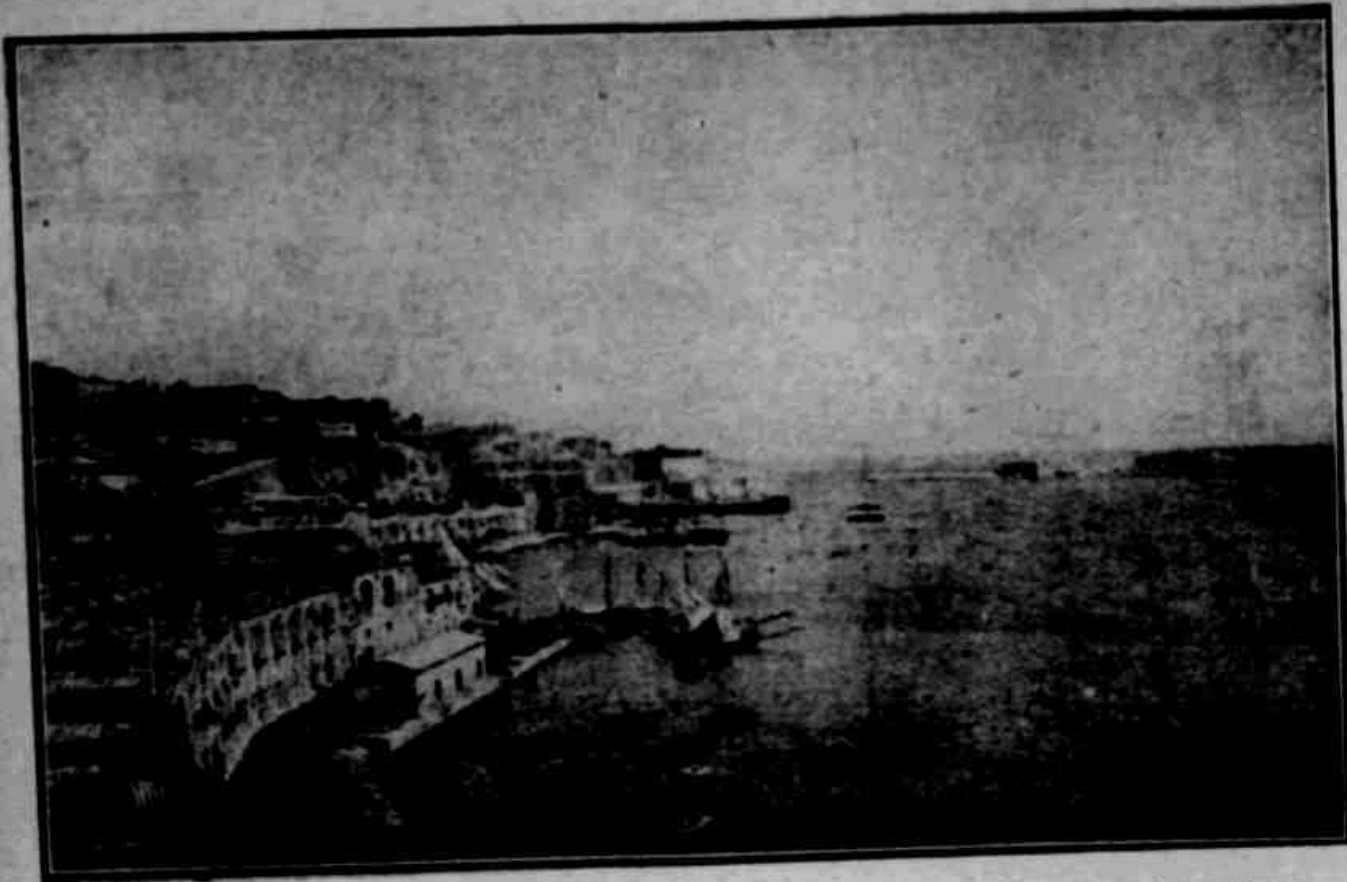
Ha na psicoanalise um ponto de vista *pedagogico* de grande alcance. Éla considera como questão capital no determinismo psiquico do individuo o desenvolvimento regular e harmonico dos componentes do instinto sexual infantil. E' no nosso defeituoso e nocivo habito de ignorar as exigencias da *libido*, de oculta-las por completo, que se deve procurar a causa de molestias e da degeneração da especie. A psicoanalise tem por isso um valor inilludivel para a sciencia eugenica que hoje ocupa a atenção da classe medica. Ha, na imensa bibliografia da psicoanalise, trabalhos originaes sobre o modo de encarar o casamento precoce, a educação sexual da infancia, a revelação prudente e geitosa dos misterios sexuaes aos meninos, a conduta deante das impertinentes perguntas e curiosidades infantis nesse particular, sobre o modo de evitar o pudor exagerado e o desgosto pelas coisas da sexualidade, etc.

E' grandioso o problema que essa doutrina levanta. Nada menos do que transformar nossos habitos seculares por uma evolução completa da actual civilização. E' uma especie de evolução contra as teorias fatalistas de medicina e da sociologia actuaes. E' como tal, ao que parece, uma nova religião no seu inicio.

FRANCO DA ROCHA

O pintor russo Vsevolod Turchaninow, que vive actualmente no Rio de Janeiro.

---

(1) O simile do culto falico existe hoje bem vivo no meio social actual. Pois outra coisa não é a superstição que atribue á *figa* o poder de conjurar certos males. Que vem a ser a mão fechada com o pollegar entre o indicador e o medio? Perdeu-se a ligação mental originaria, isto é, significação primitiva do objecto [illegible]. Sendo um simples conjurador de males, a figa hoje, não impede que ella ande junto com as medalhas pendentes no pescoço das crianças, das moças e até nas cadeias de relogios dos homens.

UM ASPECTO DO PORTO DE MALTA

TRANSFORMAÇÃO...

Manhã...
Copacabana
é um riso bom
na manhã clara...
Calice de luz aberto para a vida...
O sol é a alma deste riso...
E a cidade sente
uma expansão de alegria nos seus braços,
e um gorgeio de vida nos seus labios...

.. ..

A' hora crepuscular,
Copacabana reza uma oração monotona,
sob o altar do sol poente...
Tédio dos occasos...
Rumores de reza liquefeita...
E a cidade sente
uma caricia mansa nos seus braços,
e um gemido de praia nos seus labios...

DAMASO ROCHA.

Rio.

●

BERCEUSE

(Inedito)

Porque será que hoje eu me sinto triste!
A secretária, o quebra-luz vermelho
E tudo é triste no meu quarto agora.
O teu retrato que sorrindo insiste
Em olhar-me no fundo azul do espelho,
Até parece que o retrato chora.

O meu caderno de poesias onde
Cada estrophe romantica me fala
Dos lindos versos que escreveste um dia...
Esta cartinha que indiscreta esconde
No perfume suavissimo que exhala
O remorso de tua hypocrisia...

Estes restos de flores murchas que eu
Guardo como si fossem restos d'alma
Para lembrança do que já morreu...
O lenço branco e perfumado ainda...
A lua, o céo, a noite, o quarto em calma
E esta saudade torturante e infinda...

Um livro aberto com a dedicatoria:
— "A ti, com todo o meu amor, querido".
E este retrato hypocrita a me olhar...
Como a esperança é vaga e transitoria!
Como tudo na vida é tão fingido!
Oh! que louca vontade de chorar.

Por que será que é triste o meu espelho
E tudo triste elle reflecte agora:
— A secretária, o quebra-luz vermelho
E o teu retrato que sorrindo chora?

JONNY DOIN.

Paulicéa.

●

MEU BRINQUEDO CHINEZ

E' um brinquedo chinez com que eu brinco.
Um tiquinho de gente, um pedacinho.
Tem uns olhos grandes-grandes...
Olhos que deveriam ser de um pedação.
Uns labios pequenos de coral.
No pescoço uma cruz,
que é um pedaço dos labios em cruz.
Tem no olhar a intelligencia de um rato
e a bondade de um anjo.
E' astuta como um gato
e a sua voz é a vibração de um banjo.

Quando me olha com seus olhos grandes-grandes
eu lhe pergunto assim:
— Você gosta de mim?
Me diz ella então:
— Não gosto não...
Mas os seus olhos grandes me dizem assim:
— Mentira della, ella gosta sim.

Tem nos olhos a intelligencia de um rato
e é astuta como um gato.

E' o brinquedo chinez com que brinco na vida.

CORYPHEU DEASEVÊDO MARQUES
São Paulo.

A pianista brasileira Herminia Roubaud, 1º Premio do Curso de Barroso Netto, no Instituto Nacional de Musica, que estreou em São Paulo com exito.

Enlace

José de Carvalho Guimarães — Aracy Sá Barreto

REVISTAS DE TODO O MUNDO

EMPORIOM — Revista mensal illustrada de arte e cultura, artigos geraes sobre historia, architectura

VOGA — Semanario illustrado da mulher, trazendo paginas de bordados e modas.

MAGAZINE BERTRAND — Leitura para todos, modas, contos, assumptos cinematographicos, anecdotas.

L'ELECTRICIEN — Revista mensal Internacional de Electricidade e suas applicações, electricidade pratica e industrial, a melhor revista no genero.

REVUE DES DEUX MONDES — Revista mensal de cultura internacional, movimentos monetarios Francezes.

LE PETIT INVENTEUR — Trabalhos electricos, em geral de muita utilidade ao agricultor e officinas mecanicas.

LE MONDE NOUVEAU — Literatura, romances, artigos de jornalistas illustres

CINE-MIROIR — Publicação semanal illustrada, assumptos exclusivamente cinematographicos.

LA SEMAINE VERMOT — De tudo e para todos, assumptos geraes, criticas, literatura e trabalhos.

HISTORIA DE LA NACIONES — Popular revista pictoresca e autorizada, relação de cada uma das nações dos tempos mais remotos aos nossos dias

GUTIÉRREZ — Jornal humoristico hespanhol mensal.

EL ECONOMISTA — Revista mensal scientifica, independente, bolsa, mercado, contribuições; mineraes; agricultura, industrias.

MACACO—Jornal das crianças, contos infantis, pintura

NUEVO MUNDO — Revista semanal hespanhola com photographias universaes, muita literatura, procuradissima.

MUNDO GRAFICO — Revista semanal, com assumptos esportivos de toda parte do mundo.

LAPANTALLA — Semanario hespanhol cinematographico, trazendo os assumptos mais particulares do cine.

ESTAMPA — Revista graphica e literaria da actualidade hespanhola

MODAS Y PASSATIEMPOS — Altas novidades da moda internacional com moldes e desenhos para bordar

CINE MUNDIAL — A rainha e a mais completa das revistas cinematographicas.

PARATI — Emporio literario, com figurinos e trabalhos

EL HOGAR — A revista por excellencia das familias, contos, modas e actualidades.

PLUS ULTRA — A revista da moda, sport, arte, paysagens, literatura, figurinos, photographias sociaes.

"CASA LAURIA" — AGENCIA DE PUBLICACOES DE TODOS OS PAIZES AMERICANOS E EUROPEUS.

Casa Lauria — Rua Goncalves Dias 78

Na residencia do casal Roberto Groba—Elza Nogueira da Gama Groba, quando foi o baptisado de sua filhinha Edith.

No centro, no Instituto Nacional de Musica, quando foi a collação de grão dos bachareis de 1928.

Senhorita
Yvonne de Freitas
da sociedade carioca

Em baixo, homenagem dos medicos de Carangola ao Dr. Paulo Japyassú Coelho, que acaba de transferir residencia para Juiz de Fóra. Da esquerda, sentados: Drs. Jonas de Faria Castro, Paulo Japyassú Coelho, Waldemar Soares; em pé: Vicente Gaede, Gallileu Lima, Lima Cruz.

Officinas Graphicas d' "O MALHO"